

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/343294814>

Práticas Textuais 18|19

Book · July 2020

CITATIONS

0

READS

33

5 authors, including:



Matilde Gonçalves

Universidade NOVA de Lisboa

29 PUBLICATIONS 44 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Noémia Jorge

Universidade NOVA de Lisboa

19 PUBLICATIONS 15 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Antónia Coutinho

Universidade NOVA de Lisboa

17 PUBLICATIONS 70 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (UID/LIN/03213/2013) [View project](#)



A noção de padrão discursivo: textos e géneros em análise [View project](#)

PRÁTICAS TEXTUAIS

18 | 19

Editado por

Matilde Gonçalves

Noémia Jorge

Antónia Coutinho

Marta Fidalgo

Rute Rosa

Ficha técnica

Título

Práticas Textuais 18 | 19

Organizadoras

Matilde Gonçalves, Noémia Jorge, Antónia Coutinho,
Marta Fidalgo, Rute Rosa

Autoras

Ana Mafalda Lamarosa, Ana Sofia Santos Filipe, Beatriz Zorro, Cláudia Castro, Esmeralda Leong, Joana Oliveira, Mariana Tscherkas, Sílvia Vasconcelos, Teresa Palma.

Imagem da capa

Museu da Escrita do Sudoeste

Ano

2020

ISBN

978-989-54081-1-5

Como citar

Gonçalves, M., Jorge, N., Coutinho, M. A., Fidalgo, M., & Rosa, R. (Eds.). (2020). *Práticas Textuais 18 | 19*. Lisboa: CLUNL-NOVA FCSH.

Apoio



Museu da Escrita do Sudoeste



Município de Almodôvar



Associação de Professores de Português



Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa



Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa



Abóbada I - Almodôvar
Estela epigrafada com Escrita do Sudoeste
I Idade do Ferro
Séc. VII-V a.C.

Imagem gentilmente cedida por
Museu da Escrita do Sudoeste (MESA) | Município de Almodôvar

Índice

5 | 7 Nota de abertura
Matilde Gonçalves, Antónia Coutinho, Noémia Jorge

8 | 9 Equipa Editorial

Parte I – Texto e posicionamento crítico

11 | 18 Texto e construção de um posicionamento crítico: o caso das
recensões críticas
Matilde Gonçalves & Rute Rosa

19 | 22 Recensão crítica
Ana Mafalda Lamarosa

23 | 26 Recensão crítica
Ana Sofia Santos

27 | 30 Recensão crítica
Esmeralda Leong

31 | 33 Recensão crítica
Mariana Tscherkas

34 | 37 Recensão crítica
Sílvia Vasconcelos

38 | 41 Recensão crítica
Teresa Palma

Parte II – Texto e sociedade

43 | 49 Práticas de texto: entre processo e produto
Matilde Gonçalves, Marta Fidalgo, Noémia Jorge

50 | 67 Análise linguístico-textual do humor nos vídeos da *youtuber*
Bumba na Fofinha
Beatriz Zorro

68 | 81 O linguístico e o extralinguístico: como as convenções sociais
ultrapassam as normas linguísticas
Cláudia Castro

82 | 96 Análise textual de “A alma dos bichos” in *Visão*
Joana Oliveira

Nota de abertura

Dando continuidade ao trabalho iniciado com [Práticas Textuais 17 | 18](#), a presente publicação surge no âmbito de duas Unidades Curriculares – Práticas Textuais e Linguística do Texto – oferecidas pelo [Departamento de Linguística](#), na [Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa](#) (NOVA FCSH). Práticas Textuais 18 | 19 visa dar a conhecer o trabalho levado a cabo no contexto das unidades curriculares atrás mencionadas, ao longo do ano letivo 2018/2019.

As duas unidades curriculares apresentam objetivos específicos, que constam das respetivas fichas, disponíveis na apresentação da licenciatura no [Guia Curricular da NOVA](#): “exercitar a especificidade das tarefas de leitura e de produção de textos, em contexto académico e científico, com vista a desempenhos eficazes”, no que concerne a Unidade Curricular Práticas Textuais; e “descrever a organização textual, promovendo um conhecimento explícito relevante em diferentes situações profissionais”, no que toca à Linguística do texto. Ambas as unidades curriculares assentam em pressupostos teóricos e epistemológicos comuns no âmbito dos estudos linguísticos sobre os textos e os discursos (desenvolvidos pelo grupo Gramática & Texto | vertente MultiText do [Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa](#)). Esses pressupostos, herdados dos trabalhos de Vygotsky (2007), privilegiam uma abordagem prática (com vista à consciencialização dessa mesma prática de escrita) e visam ampliar o campo de ação dos e das estudantes no que toca a questões de produção textual no âmbito académico e profissional. Desse modo, assume-se que a escrita (consciente) permite aceder a um nível superior de desenvolvimento – que, passando pelo uso e funcionamento da língua, tem impacto na escrita académica. O processo de aprendizagem de cada estudante envolveu materiais de análise das práticas sociais de referência e de textos produzidos no âmbito da investigação desenvolvida pelas editoras da presente publicação. De acordo com o que atrás ficou dito, este processo de aprendizagem teve como pressuposto o potencial de desenvolvimento associado à apropriação e aplicação (ou replicação) desses materiais, através

de um trabalho em interação e colaboração, quer entre a discente e a docente, quer entre discentes entre elas.

A par do trabalho realizado com as discentes, a experiência permitiu também aprofundar a reflexão sobre a docência em contexto universitário e sobre o papel de docente de práticas textuais, em particular, face aos vários desafios que se apresentam à docência no século XXI. De facto, o ensino superior desempenha um papel crucial na formação pessoal, uma vez que corresponde a uma etapa-charneira no percurso de cada estudante, antes de ingressar na vida profissional, cada vez mais exigente. Assim, criar condições para que cada estudante adquira uma base sólida de conhecimentos e desenvolva, simultaneamente, capacidades reflexivas e críticas deverá fazer parte da missão da universidade e da docência universitária, na medida em que são esses os meios que possibilitam a adaptação ao mundo em permanente evolução, a criação de valor e a aptidão para a tomada de decisões adequadas às necessidades (e aos desafios) sociais.

Assim, o trabalho que se desenvolveu com as discentes procurou fomentar uma formação sólida associada a capacidades de autorreflexão, de inovação e de criação que, simultaneamente, as incentive e leve a atuarem como protagonistas de uma sociedade inclusiva e inovadora (e não serem, meramente, agentes passivas). A publicação que agora se apresenta é produto dessa formação.

A primeira parte de Práticas Textuais 18|19 é constituída por uma apresentação dos objetivos e da metodologia utilizada no âmbito da unidade curricular Práticas Textuais, cujo foco foi a aprendizagem das marcas genológicas da recensão crítica, bem como a escrita de uma recensão. Apresentam-se igualmente os trabalhos realizados pelas discentes que aceitaram o desafio da publicação: Ana Sofia Lamarosa, Ana Sofia Santos Filipe, Esmeralda Leong, Mariana Tscherkas e Sílvia Vasconcelos.

A segunda parte da publicação conta com um texto em que se perspectivam os objetivos e a metodologia escolhida para o bom desenvolvimento da unidade curricular Linguística do Texto, alicerçados numa

reflexão sobre o texto como produto e como processo. Beatriz Zorro, Cláudia Castro e Joana Oliveira prestaram-se a dois tipos de textualização: uma apresentação oral com suporte em *PowerPoint* e um trabalho escrito, resultante dessa mesma apresentação.

Para além dos trabalhos, foi solicitada a cada discente uma nota biográfica – através da qual se consolida uma tomada de consciência do papel socio subjetivo de autora, em contexto académico e científico.

Agradecemos a todas as discentes por terem aceite o desafio que esta publicação representa, bem como o trabalho, o entusiasmo e o empenho.

Que esta publicação alimente a reflexão em torno das práticas de texto, em geral, e em contexto académico, em particular – e que seja instigadora de outras (renovadas) formas de implicação e de desenvolvimento, através da escrita.

Matilde Gonçalves

Antónia Coutinho

Noémia Jorge

EQUIPA EDITORIAL

Matilde Gonçalves

Doutorada pela Université Paris 8 (Études Portugaises) e pela Universidade NOVA de Lisboa (Linguística – Teoria do Texto), é professora auxiliar na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e investigadora do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL), no qual desenvolve trabalho no grupo Gramática & Texto | Multitext. Enquadrado na linguística do texto e do discurso, o seu trabalho centra-se nas práticas de linguagem digitais, na literacia científica e na divulgação de ciência, bem como na transposição de instrumentos linguísticos para fins específicos.

E-mail: matilde.goncalves@fcs.unl.pt

Noémia Jorge

Doutorada em Linguística (área de especialização em Linguística do Texto e do Discurso) pela Universidade NOVA de Lisboa. Professora adjunta convidada na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. Investigadora no CLUNL (grupo Gramática & Texto, tem como interesses específicos a descrição e a didatização de géneros de texto.

E-mail: njorge@fcs.unl.pt

Antónia Coutinho

Professora Associada na NOVA FCSH (Departamento de Linguística) e doutorada em Linguística – Teoria do Texto, é responsável pela unidade curricular Práticas Textuais desde que a mesma foi criada (2005-2006). É investigadora integrada do CLUNL (grupo Gramática & Texto) e desenvolve investigação no âmbito dos estudos linguísticos sobre os textos e os discursos, centrando-se em questões como: caracterização diferencial de géneros de texto, relação entre géneros de texto e estilos, ensino/aprendizagem de gramática e de texto, escrita e desenvolvimento da escrita, linguagem paritária.

E-mail: acoutinho@fcs.unl.pt

Marta Fidalgo

Mestre em Consultoria e Revisão Linguística e doutoranda em Linguística (área de especialização em Linguística do Texto e do Discurso) pela Universidade NOVA de Lisboa. Foi bolseira de doutoramento no CLUNL (grupo Gramática & Texto), no âmbito do programa KRUse, e desenvolve investigação na área da revisão de textos. No ano de 2018/2019 dinamizou uma sessão da unidade curricular Práticas Textuais sobre estratégias de produção textual com recurso a ferramentas eletrónicas. É tradutora/revisora de Alemão e Inglês.

E-mail: mfidalgo@fcs.unl.pt

Rute Rosa

Doutorada em Linguística (área de especialização em Linguística do Texto e do Discurso) pela Universidade NOVA de Lisboa. A sua investigação foca a descrição e didatização de géneros de texto, privilegiando o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo. É mestre em Consultoria e Revisão Linguística pela Universidade NOVA de Lisboa e licenciada em Estudos Portugueses pela Universidade Aberta. Em 2019/2020, no âmbito da unidade curricular Práticas Textuais, dinamizou uma sessão sobre planificação, textualização e revisão.

E-mail: ruterosa@fcs.unl.pt

PARTE I

TEXTO E POSICIONAMENTO CRÍTICO

Texto e construção de um posicionamento crítico: o caso das resenhas críticas

Matilde Gonçalves & Rute Rosa

Com a unidade curricular Práticas Textuais, integrada na licenciatura em Ciências da Linguagem, lecionada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, propõe-se uma abordagem da língua tal como funciona e circula em sociedade, em particular no contexto científico e acadêmico, visando-se, simultaneamente, a promoção das capacidades de leitura e de escrita de textos científicos e acadêmicos, com vista a desempenhos de qualidade, de acordo com os seguintes objetivos:

- reconhecer a especificidade das práticas textuais em função do tipo de atividade em que se inserem;
- usar recursos metacognitivos suscetíveis de facilitarem as tarefas de leitura e de produção textual;
- manipular mecanismos linguísticos responsáveis pela organização textual e pela marcação das responsabilidades enunciativas;
- distinguir as atividades de paráfrase, resumo e comentário;
- integrar adequadamente as atividades de paráfrase, resumo e comentário em textos de géneros diferentes;
- dominar, em termos de reconhecimento e de produção, regularidades relativas a diferentes géneros da atividade académica.

Para alcançar os objetivos traçados, as aulas assumem, metodologicamente, um caráter teórico e prático, com uma clara predominância da vertente prática, recorrendo igualmente a exposição, demonstração, discussão conjunta, bem como a reflexão sobre os temas e conteúdos abordados. Privilegia-se, concomitantemente, a aplicação prática da teoria, pela interação e pela participação ativa dos alunos individualmente e em grupo.

Para além das relações entre atividades, géneros e textos específicos da atividade científica e académica, abordam-se, igualmente, os mecanismos linguísticos e textuais responsáveis pela organização macrotextual, a marcação de responsabilidades enunciativas, bem como as tarefas de paráfrase, de resumo e de comentário. Para esses conteúdos, assumiu-se uma abordagem diferenciada em função de géneros textuais específicos, a saber como um mesmo mecanismo funciona conforme o género textual no qual é convocado.

No que toca às atividades desenvolvidas ao longo da UC Práticas Textuais 18|19, estas incidiram especificamente sobre a resenha crítica (relembramos que em 2018|2019 o trabalho visou o artigo científico). A escolha do género resenha crítica prende-se, por um lado, com a possibilidade exercitar as capacidades de: 1) discernir o que é relevante para o trabalho em causa; 2) resumir (tendo em causa o que é pertinente e descartando o que é interessante); 3) apropriar(-se) do conhecimento (científico); 4) desenvolver um ponto de vista crítico e consciente. Este último tópico constitui um dos aspetos mais desafiantes, tendo em conta a ideia comum de que a escrita académica requer objetividade e que esta inúmeras vezes é confundida com neutralidade (Boch & Frier (ed.) 2015: 214). Deste modo, para além do que foi referido anteriormente, deu-se primazia aos mecanismos linguísticos que semiotizem a construção de um ponto de vista objetivo, mas não neutro, ou seja, não há ausência da tomada de posição por parte do produtor. Na esteira dos trabalhos de Boch & Frier (ed.) (2015: 214), assume-se que na escrita científica há, simultaneamente, um “apagamento simbólico do eu”, no caso da objetividade, e uma “construção simbólica do eu” na tomada de posição, na construção de um ponto de vista individual e individualizado. Uma abordagem dos mecanismos enunciativos e de responsabilidade enunciativa na escrita científica auxilia quer a tomada de consciência dessa construção do eu, quer da sua construção efetiva.

Ainda na continuidade do que foi exposto anteriormente sobre a construção de um ponto de vista, importa realçar a importância que reverte ter um conhecimento mais amplo sobre a temática a ser recenseada. Assim, para promover um posicionamento crítico – encarando o crítico, não como uma valoração necessariamente negativa, mas fundamentada – o trabalho das discentes foi sustentado pelo acesso a diversos autores (e pontos de vista) sobre a mesma temática do texto a ser recenseado, convidando-as, deste modo, a terem conhecimento da comparação e pela confrontação sobre um mesmo aspeto. Posicionamento pelo facto de comparar e confrontar diversos autores (e pontos de vista) sobre uma mesma temática – a do texto. Para além do texto sobre o qual incidiu a recensão crítica, constitui-se um conjunto de textos científicos que incidissem sobre a mesma temática, e que se apresentam a seguir:

Texto a ser recenseado

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* (pp. 71-81). São Paulo: Parábola.

Textos de apoio

Azeredo, J. C. de (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (p. 476). São Paulo: Publifolha.

Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (2006) *Dicionário de Análise do Discurso* (pp. 466-468). São Paulo: Editora Contexto.

Mendes, A. (2008) Organização textual e articulação de orações. In Raposo et al. *Gramática do Português* (pp. 1691-1694). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Outros textos (referenciados em Marcuschi, 2008)

Bakhtin, M. ([1979] 1992). Os gêneros de discurso. In M. Bakhtin, *Estética da criação verbal* (pp. 277-326). São Paulo: Martins Fontes.

Beaugrande, R. de (1997). *New foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and the Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex.

Beaugrande, R. de & Dressler, W. (1981). *Introduction to Text Linguistics*. London: Longman.

Chomsky, N. ([1965] 1975). *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado Editora.

Chomsky, N. ([1986] 1994). *O conhecimento da língua. Sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Editorial Caminho.

Saussure, F. de ([1916] 1974). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix.

Apresentam-se, seguidamente, alguns traços característicos da resenha, a nível do texto e do género. Foram esses traços que pautaram o trabalho de observação das práticas de escrita de resenhas, bem como a produção das mesmas.

Marcas genológicas da resenha crítica

Embora o género resenha crítica seja mobilizado em diferentes quadros sociais, os contextos académico-científico e escolar são os mais usuais, nos quais a resenha é objeto de investigação, instrumento de trabalho, bem como ferramenta de ensino-aprendizagem, dado que possibilita o desenvolvimento de competências argumentativas, de expressão linguística de pontos de vista e valorações, de síntese e de reformulação.

Nas últimas décadas, a partir de múltiplas perspetivas e quadros teóricos, têm sido realizados vários estudos nacionais e estrangeiros que evidenciam algumas das marcas genológicas da resenha crítica, como, por exemplo, Machado (2005), Barros e Nascimento (2008), Vian Jr. e Ikeda (2009), Motta-Roth e Hendges (2010), Ruiz e Faria (2012), Rosa (2015), Silva *et al.* (2015) e Jorge *et al.* (2018).

A resenha crítica, independentemente do contexto em que o género é mobilizado, visa apresentar uma apreciação crítica sobre um objeto, podendo este ser concreto, no caso dos textos, ou abstrato, como, por exemplo, se o objeto de resenha for uma experiência (Rosa, 2015; Jorge *et al.*, 2018). Além disso, a identidade genérica dos textos é invariavelmente explicitada pela etiqueta resenha crítica – marcador de género autorreferencial (Miranda, 2010).

Quando o objeto de resenha é um texto empírico, a resenha crítica dá a ver um confronto de perspetivas: a perspetiva do autor do texto resenhado, a perspetiva de outros autores que tenham tratado o tema do texto objeto da resenha e a perspetiva e as avaliações do autor da resenha (Rosa, 2015). Com estas últimas, o autor assume ou “chama para si o papel de especialista (autoridade) frente ao leitor que, por sua vez, se constitui como membro (aspirante ou especialista) de uma comunidade académica” (Motta-Roth & Hendges, 2010: 36). Para além da presença do nome do autor da resenha, ocorrem, por vezes, outros elementos que procuram legitimar o papel de especialista que se assume, como, exemplo, uma nota biográfica. Na resenha crítica, as avaliações e pontos de vista do autor podem ser mais ou menos linguisticamente explicitados, sendo expressos através unidades e estruturas linguísticas que evidenciam diferentes níveis de implicação, como, por exemplo, formas verbais e pronomes na 1.^a pessoa do singular ou do plural, adjetivação, frases não declarativas e modalizações apreciativas (Rosa, 2015).

Com a perspetiva do autor da resenha cruzam-se as outras perspetivas convocadas, estabelecendo-se, assim, múltiplas relações intertextuais, o que se concretiza nos textos pela presença de citações, alusões, paráfrases, entre outros (Ruiz & Faria, 2012; Jorge *et al.*, 2018).

Em termos composicionais, o conteúdo temático da resenha crítica é sequencialmente organizado, segundo a ordem retórica introdução, desenvolvimento e conclusão (Rosa, 2015), predominando sequências descritivas que orientam o leitor nos conteúdos tematizados

nos textos recenseados, obedecendo à sua ordem de ocorrência nos mesmos (Motta-Roth, 2002). A introdução é dedicada à apresentação e contextualização do texto recenseado na área científica e/ou na obra do autor; o desenvolvimento contempla a descrição do texto recenseado, relacionando o texto ou partes deste (capítulos ou subcapítulos) com outras obras e realçando os aspetos/partes mais relevantes; na conclusão, faz-se uma apreciação global do texto recenseado, sublinhando os aspetos que se destacaram pela positiva ou pela negativa e recomendando ou não o texto objeto de resenha. Estas três etapas, introdução, desenvolvimento e conclusão, correspondem, assim, a quatro movimentos retóricos: movimento 1 (apresentação e avaliação inicial); movimento 2 (descrição); movimento 3 (avaliação de partes); movimento 4 (avaliação final) (Motta-Roth, 2002).

Em última instância, pela leitura dos diversos trabalhos poderá verificar-se que não há necessariamente coincidência entre os diversos trabalhos, quer pela forma como o texto fonte foi recenseado, quer pelas próprias avaliações levadas a cabo pelas discentes. Essas divergências evidenciam que os posicionamentos não são forçosamente consensuais, nem fixos, nem rígidos. Neste sentido, o que faz o avanço do conhecimento é a multiplicidade de pontos de vista, bem como a sua discussão, criando, deste modo, uma visão assumidamente ampla e abrangente, não unificada, nem dogmática.

Assumem-se estas divergências como úteis e necessárias para a construção de um ponto de vista crítico específico e único de cada pessoa que se posiciona face a outro texto, face a outra perspectiva. É, portanto, nessa diferença que a pessoa se torna singular, entrando na grande corrente dialógica das práticas de escrita académico-científica e, que, simultaneamente, se constrói e se assume como (futuro) cientista e académico.

Referências bibliográficas:

Barros, E. M. D. & Nascimento, E. L. (2008). O ato de resenhar na e para a academia. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 11, n. 1, 33-57.

Boch, F. & Frier, C. (Ed.) (2015). *Écrire dans l'enseignement supérieur. Des apports de la recherche aux outils pédagogiques*. Grenoble: Éditions littéraires et linguistiques de l'université de Grenoble (ELLUG), collection Didaskein.

Jorge, N., Gonçalves, M., Fidalgo, M. & Rosa, R. (2018, setembro). *Contributos para a descrição do género resenha crítica*. Comunicação apresentada no XXXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Universidade Aberta, Palácio Ceia, Lisboa, Portugal.

Machado, A. (2005). A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In J. L. Meurer; A. Bonini & D. Motta-Roth (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates* (pp. 237-259). São Paulo: Parábola.

Motta-Roth, D. (2002). A construção social do gênero resenha acadêmica. In D. Motta-Roth & J.L. Meurer. (Orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem* (pp. 77-116). Bauru, SP: EDUSC.

Motta-Roth, D. & Hendges, G. (2010). *Produção textual na Universidade*. São Paulo: Parábola.

Rosa, R. (2015). *Proposta Interacionista para a Prática de Revisão de Texto: o padrão discursivo dos textos académicos*. Dissertação de Mestrado em Consultoria e Revisão Linguística. Universidade NOVA de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/15754>

Ruiz, E. & Faria, M. (2012). La intertextualidad en el género reseña. *Linguagem em (Dis)curso*, 12(1), 99-128.

Silva, F., Leal, A., Silvano, P., Oliveira, F. & Ferreira I. (2015). Marcas linguísticas da apreciação crítica. *Literatura e Gramática: um diálogo*

infinito. Lisboa: Atas do 11º Encontro Nacional da Associação Professores de Português. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80614>

Vian Jr., O. & Ikeda, S. N. (2009). O ensino do gênero resenha pela abordagem sistêmico-funcional na formação de professores. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.12, n.1, 13-32.

Recensão crítica por Ana Mafalda Lamarosa

Ao longo dos anos, a definição de texto foi-se desenvolvendo, adquirindo diversas propriedades e relacionando diferentes elementos entre si. Assim, a linguística de texto, que surgiu nos anos 60, teve como objeto de estudo as propriedades que compõem um texto, as suas inter-relações, bem como a evolução verificada até aos dias de hoje.

Para um melhor entendimento deste tópico, Marcuschi elabora um subcapítulo, dividido em três partes, da sua obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. A primeira parte trata da noção de texto, a segunda refere as implicações da linguística de texto e, por fim, na terceira parte, faz-se referência ao modo como ambas se articulam para formar uma boa produção de um texto de modo a ser compreendido pelo público.

Na primeira parte, Marcuschi começa por introduzir a noção de texto, caracterizando-o como uma unidade de sentido composta por frases que se organizam para um fim, sendo o “único material linguístico observável” pelos linguistas (Marcuschi, 2008: 71). Um texto inter-relaciona diversos elementos para que se possa formar um todo organizado, ou seja, é uma unidade de sentido em contexto que não se define pelo seu tamanho, mas sim pelas integrantes de que é composto e, por isso, não funciona como uma unidade isolada, pois não é uma unidade formal que se guie e se caracterize por um conjunto de propriedades restritas e previamente estabelecidas.

De seguida, na segunda parte, apresenta-se o termo linguística de texto que, nos anos 60, apenas tratava de textos escritos e só nos últimos 30 anos passou também a tratar da produção e da compreensão de textos orais. A linguística de texto é uma vertente de investigação que faz parte da linguística e estuda todas as propriedades relacionadas com a produção de textos em uso, tendo surgido devido ao facto de as teorias linguísticas não tratarem de todos

Ana Mafalda Duarte Lamarosa optou, no ano letivo de 2015/2016, por um curso científico-humanístico na área das Línguas, na Escola Secundária de São João da Talha. Atualmente, encontra-se no Ensino Superior, integrando o curso de Ciências da Linguagem, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

os fenómenos associados a textos. Estuda, portanto, o uso e o funcionamento da língua tal como é utilizada pelos indivíduos.

Não obstante, surgem questões sobre como e onde situar o texto na linguística, uma vez que pode ser apenas um fenómeno do funcionamento do sistema ou estar ao nível do sistema. As respostas dadas a estas questões apresentam dois pontos de vista distintos: o ponto de vista de que a frase não é uma unidade do uso, mas sim da fala (Saussure, 1916) e o de que a frase é a unidade básica da língua (Chomsky, 1965). A linguística textual distingue conteúdo (aquilo que se designa no mundo) de sentido (efeito produzido pelo que se diz de diferentes formas através do conteúdo). Trata de resultados da língua em uso baseada em processos sociocognitivos e das relações entre a teoria e a prática e, por isso, para a boa formação textual, tem de considerar a sociedade em questão e também as diferentes áreas da linguística.

Na terceira e última parte, destaca-se a relação entre linguística de texto e o conceito de texto. Um texto não se produz a partir de regras formais, mas sim através de critérios meramente indicativos e necessita tanto de conhecimentos linguísticos como não-linguísticos. Por este motivo, a linguística de texto torna-se fundamental para a compreensão de um texto, pois é uma perspetiva que observa o funcionamento da língua e que utiliza processos sociocognitivos.

O texto é uma unidade de sentido realizada ao nível do uso e ao nível do sistema, tendo ambos funções essenciais na produção textual. Contudo, não há uma regra que indique qual o conteúdo que deve necessariamente seguir-se a outro numa sequência textual. Porém, para que um texto atinja o seu objetivo, é crucial que os autores relacionem a situação com os interlocutores para quem escrevem e é por isso que Marcuschi o compara a um jogo, no qual existe um conjunto de regras, um espaço de manobra e jogadores com diferentes funções, que devem interagir entre si. Assim, os autores e os recetores de um texto

devem colaborar para um mesmo fim, de acordo com um conjunto de normas iguais.

Marcuschi aborda ainda a problemática relacionada com o facto de, em âmbito escolar, os alunos desconhecerem o seu público-alvo, o que dificulta a escolha da sua linguagem e levanta uma série de questões que mostram a complexidade do problema. Deste modo, um texto envolve diversos aspetos e não é apenas um conjunto de palavras, pois necessita de relações entre vários elementos (palavras, frases, contextos, etc.) de diferentes graus de complexidade, que estabelecem relações de interdependência.

Por fim, o autor remete para a ideia de que os indivíduos aprendem uma língua através do contacto direto e, nas primeiras fases da vida, de modo restrito (através da família e do dia-a-dia), uma vez que possuem um conjunto de competências que lhes permite interagir socialmente, escolhendo e especificando sentidos mediante a linguagem que usam.

A mais-valia desta obra reside no facto de este texto ser fundamental, pois permite a comunicação entre os indivíduos, implicando diversos aspetos para que possa ser compreendido em uso e em contexto e para que carregue consigo um sentido próprio. Marcuschi compara o texto com um tecido, sendo que os seus fios se entrelaçam para formar uma unidade de sentido, podendo o seu suporte ser tanto escrito como oral.

Em suma, o texto que foi objeto desta recensão constitui uma abordagem elucidativa da importância de uma boa construção de texto. Neste sentido, é necessário relacionar o seu uso com o sistema, o que é essencial para a produção textual; para isso, cada indivíduo necessita de articular as ideias coerentemente e logicamente, existindo um fio condutor que guie o leitor de maneira a formar uma unidade de sentido. Desta forma, o subcapítulo de Marcuschi vinca a importância

e os aspetos que tornam um texto acessível em termos de compreensão.

Recensão crítica por Ana Sofia Santos Filipe

O texto para objeto de recensão crítica consiste na primeira parte da obra de Luiz Antônio Marcuschi, denominada *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. O texto encontra-se dividido em três partes e o seu objetivo é abordar as noções de texto como meio comunicativo, de linguística de texto, bem como demonstrar os mecanismos de elaboração textual, pondo em evidência a sua evolução ao longo do tempo.

Na primeira parte, onde é analisada a noção de texto nos tempos modernos, Marcuschi refere-se a texto como o resultado de uma ação linguística do meio em que se insere, avançando que este pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade de comunicação e um artefacto socio-histórico. Para complementar o seu ponto de vista, utiliza a perspectiva de Bakhtin, referindo que a linguagem “refrata” o mundo na medida em que o reordena e reconstrói. Anuncia também a utilização da noção de texto desenvolvida por Beaugrande (1997: 10): “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”.

Na segunda parte, Marcuschi define linguística de texto como o estudo das operações linguísticas, discursivas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e processamento de textos escritos ou orais em contextos naturais de uso, tratando atualmente da produção e compreensão dos mesmos. Considera que a língua não funciona em unidades isoladas, mas em unidades de sentido, isto é, em textos. A motivação inicial da linguística de texto foi a de que as teorias linguísticas tradicionais não consideravam alguns fenómenos linguísticos evidenciados nos textos, sendo esses fenómenos resumidos em relações interfrásicas. A linguística de texto configura assim uma linha de investigação interdisciplinar dentro da linguística e, como tal, exige

Ana Sofia Santos Filipe completou o ensino secundário na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, no curso de Línguas e Humanidades, ambas na cidade de Caldas da Rainha. Atualmente, encontra-se a frequentar a licenciatura em Ciências da Linguagem, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade NOVA de Lisboa.

métodos e categorias de várias procedências. Marcuschi apresenta ainda a diferença entre linguística teórica e linguística de texto, sendo que a primeira se dedica ao estudo do sistema virtual da língua, enquanto a segunda se dedica ao estudo da atualização desse sistema em situações concretas de uso. É feita também a distinção entre sentido e conteúdo, sendo que o conteúdo é aquilo que se diz, descreve ou designa no mundo, enquanto sentido resulta do efeito produzido pelo facto de se dizer de uma ou outra forma esse mesmo conteúdo, sendo então um efeito do funcionamento da língua.

Assim, a linguística de texto constitui uma perspetiva de trabalho que observa o funcionamento da língua em uso, sendo que a maior preocupação recai sobre os processos sociocognitivos e não no produto. Não se dedica ao estudo das propriedades gerais da língua, reduzindo o campo de análise e descrição. Segundo Beaugrande (1997), a linguística de texto dedica-se então a domínios mais fluentes como a pragmática, as operações cognitivas e o aspeto social, por exemplo, focando-se nas atuais relações dinâmicas entre a teoria e a prática, o processamento e o uso do texto.

A língua não tem autonomia sintática, semântica e cognitiva. Assim sendo, "a linguística de texto é uma perspetiva de trabalho com a língua que recusa a noção de autonomia da língua." (Marcuschi, 2008: 76).

Em suma, a linguística de texto supõe que o trabalho com a língua portuguesa teria de se ocupar com mais do que o ensino e a aprendizagem de regras, tratando-se de um estudo no qual se privilegia a variada produção e as contextualizações na vida diária.

Contudo, não há uma regra que indique qual o conteúdo que se deve necessariamente seguir a outro conteúdo numa sequência textual. O que se pode afirmar com alguma segurança é que a sequência dos enunciados num texto não pode ser aleatória sob os pontos de vista linguístico, discursivo ou cognitivo. Marcuschi compara

a produção textual a um jogo, considerando que existe um conjunto de regras, um espaço de manobra, uma série de atores, cada um com os seus papéis e funções. Refere que produtores e recetores de texto devem colaborar para um mesmo fim e dentro de um conjunto de normas iguais. Considera então que existe um problema baseado no facto de que não se define exatamente quais os sistemas de controlo da produção textual, o que observar ou ao que dar importância. O autor afirma que o mais certo é admitir que o texto se dá num ato de comunicação unificado, num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas. Segundo a perspetiva de Beaugrande (1997: 10), "O texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante" e continua referindo que "é essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais" (1997: 10).

O texto é assim visto como um sistema de conexões entre vários elementos, sendo constituído numa orientação de multissistemas.

Para Beaugrande (1997), as pessoas usam e partilham facilmente a língua, precisamente porque esta consiste num sistema em constante interação com os seus conhecimentos partilhados sobre o mundo e sociedade. É nessa ideia que Marcuschi fundamenta a essência do tema que analisa, visto que aponta para o estudo das condições sociocomunicativas identificadas nos processos sociointerativos.

O texto que foi objeto desta recensão aborda a noção de texto e a linguística de texto. Marcuschi utiliza a perspetiva de Beaugrande para fundamentar a sua definição de texto e o seu ponto de vista em relação aos temas em causa. Neste sentido, considero que algumas ideias poderiam ter sido mais bem fundamentadas e organizadas para uma melhor compreensão por parte do leitor. Na minha opinião, os temas tratados no texto de Marcuschi poderiam ter sido organizados de outra forma, de maneira a não serem repetidas algumas ideias, tendo assim melhor aproveitamento por parte de quem lê. Um outro fator importante a ser referido é o facto de serem apresentados poucos

exemplos para o que é descrito. Na obra de Mendes (2013), são apresentados mais exemplos para aquilo que é dito, o que complementa o texto e as ideias essenciais.

Recensão crítica por Esmeralda Leong

De entre as várias obras de Luiz Antônio Marcuschi, destaca-se *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, produzida em 2008, que integra estudos e conceitos introdutórios da temática – Linguística do Texto –, com exemplos extraídos dos corpora dos media e da sociedade.

Esta obra de grande excelência possui, para além de uma breve introdução geral e da explicitação dos conceitos introdutórios do texto, uma estrutura de fácil identificação, estando dividida em três partes – “Processos de Produção Textual”, “Gêneros Textuais no Ensino de Língua” e “Processos de Compreensão”.

Dá-se relevância à primeira parte – “Processos de Produção Textual” –, que está subdividida por treze pontos, destacando-se o ponto 1.7., intitulado “Noção de texto e linguística de texto”, que inclui como principais temáticas o Texto (intercalada com um breve subtema: Produção Textual) e a Linguística de texto.

Como primeira temática, Marcuschi apresenta, de forma sintetizada, como a comunicação linguística e a produção discursiva se concretizam em textos, sendo este o único material observável. Ou seja, o texto é o produto resultante de uma ação linguística geralmente delimitada e estabelecida por relações que possui com o mundo. Isto significa que há um fenómeno linguístico que transcende a frase e constitui uma unidade de sentido (texto) que ocorre e opera no mundo.

A partir dos trabalhos de Bakhtin e Beaugrande, Marcuschi (2008: 72) sublinha que “o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo”, baseando-se na definição dada por Bakhtin que, por sua vez, assenta a construção do texto numa perspectiva de enunciação, cujos processos não são simples nem obedecem a regras fixas.

Esmeralda Leong

exerceu funções de tradutora voluntária de excertos e obras literárias estrangeiras, paralelamente, também se dedicou à produção de contos e romances, tendo sido publicados em suporte digital, em diversas plataformas, sob múltiplos pseudónimos. Atualmente, encontra-se a frequentar a licenciatura em Ciências da Linguagem, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

Como o texto é uma unidade comunicativa e uma unidade de sentido que ocorre no nível de uso e no nível de sistema da língua, tanto o sistema como o uso possuem funções importantes na produção textual. Deste modo, Marcuschi demonstra a importância da produção textual, ao referir que esta requer: seguir algumas normas, não enunciar aleatoriamente os conteúdos e adequar os textos aos interlocutores e a situações definidas nas quais os textos devem estar enquadrados. Assim sendo, os produtores e recetores de texto devem cooperar para o mesmo propósito e estar inseridos num conjunto de iguais princípios. Esta situação é verídica, porque os textos raramente são rejeitados pelos seus recetores, ou seja, raramente não cumprem a sua função comunicativa (cf. Mendes, 2008) e porque devem “expressar algum significado pretendido por seu enunciador” (Azeredo, 2008: 476).

Conforme sublinhado Marcuschi (2008: 79), os princípios da textualidade postulados por Beaugrande e Dressler (1981) não são adequados para a boa formatação textual, pois o texto concretiza-se como um “ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas”. Isto também é comprovado por Charaudeau e Maingueneau (2006: 467) – “O texto revelou ser uma unidade muito complexa” – e Mendes (2013: 1691) – “adequado a determinados propósitos comunicativos”. Sendo assim, a definição de texto dada por Beaugrande (1997: 10) – “O texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.” –, na qual Marcuschi se baseou, adequa-se ao seu estudo, pois representa os pontos essenciais da produção textual a ter em conta no discurso social.

Em suma, numa perspetiva sociointerativa, um dos principais aspetos no processo interlocutivo é a relação mútua dos indivíduos com a situação discursiva. Estes aspetos exigem por parte dos falantes e dos escreventes que se preocupem na articulação dos seus textos ou considerem os seus interlocutores quando falam ou escrevem. Quanto à segunda temática, Marcuschi introduz a linguística de texto, explica e

demonstra como esta e o texto se relacionam e interligam, de forma sucinta e de fácil compreensão.

Sob um ponto de vista técnico, a linguística de texto privilegia o estudo da produção, do processamento e das contextualizações dos textos (orais e escritos) introduzidos nos contextos naturais de uso. Esta é compreendida como um domínio empírico e informal, cuja perspectiva de trabalho é orientada pela análise controlada de dados verídicos e empíricos retirados do desempenho real, tendo em consideração a sociedade onde a língua se encontra introduzida.

O autor assume paralelamente que a linguística de texto compreende e abrange a coesão superficial, a coerência conceitual e o sistema de pressuposições. Acrescenta também que esta parte do princípio de que a língua não possuiu autonomia sintática, semântica e cognitiva. Além disso, a linguística de texto faz a distinção entre o sentido e o conteúdo; contudo, não tem como objetivo a análise do conteúdo; na realização da análise textual é relevante considerar os aspetos estritamente linguísticos indispensáveis para a estabilidade textual.

Resumindo, a “linguística de texto é uma perspectiva de trabalho com a língua que recusa a noção de autonomia da língua” (Marcuschi, 2008: 76) e trata da “produção como da compreensão de textos orais e escritos” (Marcuschi, 2008: 73), a partir dos pontos referidos anteriormente.

Este ponto – 1.7. Noção de texto e linguística de texto – é concluído com uma correlação das temáticas – o Texto e a Linguística de Texto –, com uma definição escolhida por Marcuschi, de Beaugrande (1997: 11): “As pessoas usam e partilham a língua tão bem precisamente porque ela é um sistema em constante interação com seus conhecimentos partilhados sobre o seu mundo e sua sociedade”, pois está relacionada com “o estudo das condições sociocomunicativas identificadas nos processos sociointerativos”

(Marcuschi, 2008: 81). Além disso, Marcuschi coloca, inclusive, uma questão pertinente e de grande interesse que suscita curiosidade no leitor: “Como se explica então que em qualquer situação nos encontremos [...], conseguimos obter tanto consenso sobre o que dizemos [...]?”. O autor responde que a sociedade tem a capacidade automática e autónoma de produzir textos e discursos, mas que a nossa atual função deveria ser aplicada à compreensão do funcionamento e à melhoria da nossa habilidade textual-discursiva.

Em suma, este capítulo privilegia uma linguagem clara, “rica” em exemplos e questões “aliciantes”, cujo conteúdo se encontra organizado e intercalado com as temáticas (já referidas anteriormente), sendo destinado a leitores especializados e não especializados. Assim, o autor demonstra uma maior proximidade com o leitor, assegura a veracidade da informação por si disponibilizada e demonstra a importância do texto como um meio de comunicação dependente da situação, dos enunciadores e dos recetores.

Recensão crítica por Mariana Tscherkas

O texto de Marcuschi, *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, fala de textos e da linguística de texto, discutindo o que compõe cada um, como são vistos e como são usados. A definição de texto usada pelo autor é de Beaugrande (1997: 10): “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas.”. Desta definição, segue-se para a linguística de texto, referida LT, sendo esta a responsável pelo estudo da produção e da compreensão de textos, sejam eles orais ou escritos.

A criação da LT decorreu da necessidade de explicar a complexidade dos fenómenos linguísticos que existem no texto, pois o sentido de uma frase somente era compreensível, quando esta era relacionada com uma nova frase. Isso demandou que a teoria linguística fosse além. Como o texto é mais do que uma unidade formal, não se discute mais gramática de texto. Ao invés, pelo facto de as regras para produção de cada género textual serem essencialmente inviáveis, fala-se em LT. Marcuschi menciona que, de acordo com Saussure (1916), “a frase não é uma unidade da langue e sim da parole” (Marcuschi, 2008: 74). A LT, portanto, faz distinção entre o que é dito ou escrito e o efeito da língua nos textos produzidos em situações específicas.

A LT é importante no ensino da língua, ainda que não seja ‘descritivista’, pois aborda a ativação de “estratégias, expectativas, conhecimentos linguísticos e não-linguísticos” (Marcuschi, 2008: 75). Diferente da linguística clássica, entretanto, a LT é focada em relacionar a teoria e a prática textual, e a sociedade na qual está situada a língua. Além disso, Marcuschi argumenta que “a língua não tem autonomia sintática, semântica e cognitiva” (Marcuschi, 2008: 75), e que a LT lida com o “funcionamento efetivo” da mesma. Isso é possível pela utilização de informação retirada de usos reais. A dificuldade de usar a

Mariana Tscherkas

fez o ensino básico no Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Cursou Fundação Internacional e Língua Inglesa e Comunicação e Publicação de Nova Mídia na Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra. Atualmente, cursa Ciências da Linguagem na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

língua vem de que nem todas as sequências textuais seguem relações de relevância. A LT estuda, ainda assim, o seu uso em produção e a contextualização diárias.

Um ponto que é enfatizado pelo autor é o de que "a sequência dos enunciados num texto não pode ser aleatória sob o ponto de vista linguístico discursivo ou cognitivo" (Marcuschi, 2008: 77). Deve existir então uma clara relação entre os interlocutores para que o texto seja produzido de forma que o leitor compreenda. A partir disto, é levantada a questão de que a produção de texto possui normas, e que é do conhecimento geral que estas são construídas para um interlocutor, ou interlocutores, e situações específicos. Ainda assim, é comum que as escolas não tenham essa precisão, quando pedem que um aluno formule os seus textos, gerando falta de clareza na sua linguagem.

Assim, neste texto, o autor aborda a noção de texto e a linguística de texto, desenvolvendo um trabalho que abrange desde os textos até à sua produção e tudo o que há entre. Há bons exemplos e simplificações que podem ajudar a melhor compreender os conceitos apresentados, deixando bastante claro o que é ou não abordado pelos mesmos. Existem ainda algumas relações feitas entre matérias e ideias que são úteis para um melhor entendimento das diferenças e das razões para o uso ou não de certos métodos, como as diferenças entre sentido e conteúdo, e o porquê de se usar mais gramática de texto. No entanto, observa-se o uso excessivo de conceitos alheios, especificamente de Beaugrande (1997), o que transmite falta de ideias próprias. Por outro lado, o que também dificulta a leitura é a constante mudança de tópicos, deixando-os incompletos, enquanto um novo assunto é abordado, retornando depois ao que se tratava anteriormente sem relacioná-los. Com esta mesma consequência, há o uso das mesmas definições, como, por exemplo, quando o autor afirma que os textos não constituem "unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas" (Marcuschi, 2008: 71). Em algumas passagens, o mesmo tema é abordado com palavras similares e na mesma ordem,

ênfatizando a sensação de desordem. Finalmente, o autor utiliza metáforas longas, o que desvia a atenção do leitor do tema e conduz à distração. Apesar de o texto abordar pontos essenciais, o modo como são tratados torna a leitura longa e incômoda, com a informação facilmente perdida enquanto se devaneia.

Recensão crítica por Sílvia Vasconcelos

O texto e a linguística de texto revelam aspetos explícitos sobre o ponto de vista linguístico nem sempre perceptíveis, devido à forma espontânea como comunicamos. Quando se pensa em texto remete-se para um objeto físico ou digital, sem levar em consideração que toda a comunicação, seja ela oral ou escrita, é por si mesma um texto. A obra *Produção textual, análise de gêneros e compreensão* é constituída por um preliminar intitulado “Breve excuroso sobre a Lingüística no século XX” e, por três partes, sendo que a primeira tem por título “Processos de produção textual”, a segunda, “Gêneros textuais no ensino de língua” e a terceira, “Processos de compreensão”. Esta recensão vai incidir no ponto 1.7., “Noção de texto e lingüística de texto”, integrado na primeira parte da obra.

Inicialmente, Marcuschi faz uma introdução sobre a noção de texto e o desenvolvimento da linguística de texto. Para o autor, o texto constitui uma produção discursiva, ou seja, uma urdidura estruturada com significado próprio, uma ação comunicacional e um objeto socio-histórico, sendo essa urdidura consequência de um acontecimento linguístico e de como ele pode ser interpretado. O texto é uma estruturação em permanente remodelação, cujos confins são vinculados pela forma como emerge e exerce a sua função no mundo.

Na segunda parte, o autor apresenta uma síntese sobre o desenvolvimento da linguística de texto, desde os anos 60 do século XX até ao século XXI; por conseguinte, trata-se de um campo de estudo em constante evolução. Baseando-se nos pontos de vista de outros autores relativamente à interpretação que fazem da linguística de texto, Marcuschi revela que, outrora, a linguística de texto apenas estudava a produção textual escrita e a forma de processar essa produção, mas, atualmente, já entende como texto toda a produção oral ou escrita como também a sua compreensão. O autor refere,

Sílvia Vasconcelos

estudou até ao 12.º ano de escolaridade, na Escola Secundária da Trofa. Em 1998, tirou um curso de informática na ótica do utilizador. Em 2007, tirou um curso de inglês e outro de mandarim, em 2010. Atualmente, encontra-se a frequentar as cadeiras Práticas Textuais e Gramática do Português, da Licenciatura de Ciências da Linguagem, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

ainda, a distinção que a linguística faz entre sentido e conteúdo, uma vez que este último já é objeto de estudo de uma outra área, apresentando um leque de informações sobre as quais incide as distintas vertentes do estudo da linguística de texto. Segundo Marcuschi, a linguística de texto estuda a coesão superficial, a coerência conceitual e o sistema de pressuposições, pois estes são os tópicos basilares no estudo da linguística, uma vez que não se estudam apenas os seus temas mais evidentes, como a sintaxe, a fonologia, a morfologia, etc.

O texto é um acontecimento comunicacional sociointerativo cujo processo de construção não é estanque. Para explicar esta ideia, o autor faz uma analogia entre a noção de texto e um jogo, ajudando a entender melhor todo o domínio que envolve uma produção textual e a linguística de texto. Um texto, entendido como um jogo, tem de se submeter a regras e os intervenientes (jogadores) têm de cumprir individualmente a função que lhes compete em sintonia com os restantes. "O significado é parte do evento discursivo que envolve o produtor do texto e seu destinatário, ouvinte ou leitor" (Azeredo, 2008: 476). Contudo, esta analogia espelhada de forma simplista deixa de lado outras questões demasiado importantes para serem ignoradas, Marcuschi dá a conhecer de seguida.

De facto, Marcuschi apresenta a problemática entre o produtor textual e o auditório a quem se dirige a produção textual, questionando as implicações que o objeto textual vai sofrer em função disso mesmo. Manifesta, portanto, essas mesmas interrogações: Quais serão os princípios gerais admitidos na produção e no seu sentido? Qual a função dos interlocutores na enunciação e na forma da produção textual? É inelutável que cada produção textual tenha de se submeter a uma estrutura basilar? Os géneros textuais exerceriam uma primordial função relativamente a essa estrutura base? Sob que paradigma os desígnios influenciariam essas unidades linguísticas? A intensidade das expressões linguísticas formais ou informais tem um desempenho

determinante na realização textual? Na construção das produções enunciativas, tanto orais como escritas, reclamar-se-iam táticas textuais distintas?

Todas estas questões foram sublevadas pelo autor, muito embora, algumas ainda desapaçadas de resposta efetiva devido à complexidade desta área do conhecimento. Todavia, o autor cinge-se a duas questões transversais: Qual o conjunto de princípios dominantes de uma produção textual? O que se deve examinar e ao que se deve dar autoridade? Para o ajudar na resposta a estas perguntas, apoia-se na seguinte citação: "O texto é um sistema actualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante" (Beaugrande, 1997: 11).

Ainda na esteira de Beaugrande, Marcuschi procura desenvolver e apreender os seguintes aspetos: o texto é entendido como um vínculo entre vários recursos; o texto é edificado assente em elementos linguísticos e não-linguísticos; o texto não é uma ação solitária; o texto forma-se sob diferentes elementos, tendo como obrigação ser administrado por todos esses aspetos multifuncionais: "Opor texto escrito a discurso oral reduz a distinção ao suporte ou meio e dissimula o facto de que um texto é, na maioria das vezes, plurisemiótico" (Charaudeau & Maingueneau, 2006: 466).

O autor conclui que será necessário aferir como é que toda esta dinâmica no decurso sociointerativo depreende a qualidade sociocomunicativa e como se poderá torná-la mais eficaz, uma vez que os falantes aprendem a língua desde a infância, e também como conseguem adquirir unanimidade sobre o que falam até ao fim da vida e de um modo que, de tão natural, se torna fascinante, dado que somos possuidores dessa aptidão de forma intrínseca.

Em suma, o trabalho desenvolvido pelo autor é fundamental para se entender toda a essência e implicações que uma ocorrência comunicacional impõe. A forma como fez a analogia entre texto e um

jogo teve o efeito de tornar este tema acessível ao(s) leitor(es), mesmo àquele(s) que não possuam um conhecimento profundo sobre a noção de texto e o trajeto da linguística de texto. Uma obra a ler por quem se interessar por este tema.

Recensão crítica por Teresa Palma

O texto para objeto de recensão crítica consiste numa parte de um capítulo integrado numa obra sobre produção textual e géneros textuais no ensino de língua, cujo objetivo é apresentar um conjunto de reflexões sobre as noções de língua, texto e género textual, à luz da perspetiva sociointeracionista da língua.

O texto, intitulado "Noção de texto e linguística de texto", divide-se em sete partes, através das quais se pretende explorar a noção de texto no âmbito da linguística de texto, tendo em conta as perspetivas de vários autores.

Na primeira parte, Marcuschi define, em traços gerais, o conceito de texto (oral e escrito), como um fenómeno linguístico que extrapola o domínio da frase e se apresenta como uma unidade de sentido, um objeto estruturado e uma entidade comunicativa que, não sendo um mero decalque do mundo, é produto linguístico, social e cognitivo, resultante do contacto e circulação neste. Esta definição, apoiada em Beaugrande (1997), que é esmiuçada adiante, serve de sustentáculo ao estudo da produção textual, baseado na abordagem sociodiscursiva.

Na segunda parte, é apresentada uma breve panorâmica da história da linguística de texto (LT), desde os seus primórdios até à atualidade, sendo também traçada a sua definição e a evolução dos seus interesses e objeto de estudo. O autor começa por referir que a LT incide a sua abordagem no domínio da produção e análise dos textos escritos e orais, podendo esta ser entendida como o estudo dos atos de natureza linguística, discursiva e cognitiva que norteiam a produção de textos, que são unidades de sentido não formais, em diferentes contextos de utilização. Nesta parte, Marcuschi menciona ainda que, se inicialmente havia a pretensão de desenvolver uma gramática que definisse normas para a produção textual, hoje essa ideia é recusada, considerando-se irrealista traçar, para cada género textual, regras

Teresa Palma é licenciada em Estudos Portugueses, mestre em Ciências da Informação e da Documentação e pós-graduada em Português Língua Segunda e Estrangeira pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Atualmente, frequenta o Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário na mesma instituição. Leciona Português e Português Língua Não Materna no Colégio do Sagrado Coração de Maria, Lisboa, desde 2015, onde também exerce funções de bibliotecária e arquivista.

específicas e rígidas. Assim, os critérios de produção, de acordo com a teoria textual, serão essencialmente princípios norteadores e sugestivos.

Numa terceira parte, o autor procura delimitar as fronteiras da LT e do respetivo objeto de estudo. Começa por distingui-la dos estudos literários, da retórica e da estilística, situando-a no campo da linguística, dentro do qual assume uma abordagem interdisciplinar e se vale de vários métodos, sendo assim hoje considerada o instrumento privilegiado para o estudo da língua em contexto escolar e para a construção de manuais. O autor questiona ainda o lugar do texto nos estudos linguísticos, invocando teorias de autores, como Saussure (1916) e Chomsky (1965, 1986), que se debruçaram sobre o estudo do sistema virtual da língua. Segundo estas teorias, a LT estaria excluída do estudo da língua num sentido restrito, uma vez que esta se interessa pelo estudo desse sistema em diferentes situações de utilização, assim como pela exploração do sentido, enquanto reflexo do funcionamento da língua em diferentes contextos, em detrimento do conteúdo.

Na quarta parte, Marcuschi, partindo do pressuposto de que não existe apenas uma LT, elenca diferentes posições preconizadas pelas várias vertentes da LT, entre as quais se destacam as seguintes: interesse pelo funcionamento da língua em contextos de uso; abordagem da língua que privilegia os processos sociocognitivos; interesse pela relação de enunciados, pelo sentido, pelos processos de compreensão, pelas diferenças entre géneros textuais e pela linguagem em diversos contextos; foco na relação entre a produção e a utilização dos textos.

Na quinta parte, é explorado o domínio empírico da LT. É exposta a ideia de que a perspetiva adotada na análise de textos, apesar de contemplar aspetos de ordem linguística, tem em conta os contextos comunicativos, pois a língua não está desligada da sociedade. A perspetiva adotada pela LT baseia-se então em elementos recolhidos a partir do mundo real, pois trabalha com textos que funcionam em sociedade. Neste sentido, é mencionado que uma abordagem da língua portuguesa, baseada na LT, extrapolaria o processo de ensino-aprendizagem de regras de construção de sequências linguísticas,

focando também o contexto de produção e a utilização no quotidiano. Nesta parte, Marcuschi retoma a ideia de texto enquanto unidade comunicativa e de sentido que ocorre, simultaneamente, nos planos do sistema linguístico e do uso – ambos cruciais na produção textual. Privilegiando a visão sociointerativa, desenvolve ainda a concepção de texto na perspectiva da enunciação, transmitindo, a partir do exemplo metafórico da produção textual como jogo coletivo, a ideia de que a produção de texto envolve um processo interlocutivo, ou seja, pressupõe um eu (produtor), um tu (recetor) e uma situação discursiva.

Na sexta parte, o autor levanta um problema que se prende com as normas para a produção textual, pois, apesar de não se defender o cumprimento de regras rígidas, conforme é mencionado em momentos anteriores, reconhece-se a importância de seguir determinadas normas para que a compreensão da mensagem do texto não seja comprometida. Assim, aquando da produção dos textos, deverão ser tidos em conta os interlocutores aos quais os enunciadores se dirigem e o propósito para o qual são produzidos – problema que, de acordo com o autor, se verifica nas redações escolares, em que não há uma clara definição do interlocutor ao qual o aluno se deve dirigir, o que condiciona o uso da linguagem. É neste sentido que Marcuschi coloca um conjunto de questões de modo a expressar a complexidade da problemática inerente às normas de produção, incitando o leitor à reflexão e elucidando-o de que não é sua pretensão esclarecê-las a todas. Posteriormente, foca-se num problema relacionado com os sistemas de controlo da produção textual e justifica que os princípios da textualidade, definidos por Beaugrande e Dressler (1981), não correspondem a regras de produção textual. Porém, assume, na esteira de Beaugrande (1997), o texto enquanto ato de comunicação em que na sua produção estão implicadas escolhas feitas por parte do leitor ou falante, baseadas no sistema virtual da língua. A partir desta concepção, Marcuschi menciona ainda que o texto é um evento comunicativo e não uma mera sequência de palavras, destacando a sua riqueza e

complexidade, que pressupõe, por exemplo, a conexão entre vários elementos (sons, palavras, significações, etc.).

Na sétima parte, o autor destaca, por fim, a dimensão sociointerativa da língua, recorrendo ainda a Beaugrande (1997). É referida a capacidade de o ser humano comunicar e se entender em situações muito diversas, o que se justifica pela partilha de uma língua, enquanto um sistema em permanente interação com os conhecimentos que cada indivíduo tem sobre o mundo. Partindo da ideia da preexistência de uma competência textual-discursiva, o autor menciona que não cabe particularmente à LT ensinar algo, mas sim deslindar a engrenagem do sistema e contribuir para o seu funcionamento.

O texto que foi objeto de recensão apresenta-se como um importante contributo para a compreensão da noção de texto e de linguística textual, ainda que, na minha opinião, a linguagem utilizada nem sempre seja acessível para leitores iniciantes no estudo destas matérias. Tomando como exemplos outros autores que se debruçaram sobre estas temáticas, nomeadamente Azeredo (2008), Charaudeau e Maingueneau (2006) ou Mendes (2013), reconhece-se que o estudo de Marcuschi explora a noção de texto de forma mais reflexiva, minuciosa e, por vezes, exaustiva. No entanto, carece de exemplos que contribuam para a compreensão dos conceitos, como oportunamente o faz Mendes (2013). Considero ainda que o estudo de Marcuschi é particularmente interessante e útil para os leitores mais atentos às questões do ensino-aprendizagem da língua materna – terreno onde o texto poderá ser utilizado como uma importante matéria-prima.

Parte II

Texto e sociedade

Práticas de texto: entre processo e produto

Matilde Gonçalves, Marta Fidalgo & Noémia Jorge

A unidade curricular Linguística do Texto, integrada na licenciatura em Ciências da Linguagem da Universidade NOVA de Lisboa, visa o desenvolvimento de aprendizagens no âmbito da descrição da organização macro, meso e microtextual, com base na observação e na análise de textos que circulam em sociedade e em diversas atividades de linguagem (académica, científica, jornalística, publicitária, quotidiana). Essas aprendizagens incidem, igualmente, no uso da língua em função dos textos e dos diversos contextos de produção e circulação e, conseqüentemente, promovem o conhecimento a ser aplicado, no futuro, em situações profissionais diversificadas, tais como o ensino das línguas, a edição de textos ou ainda a redação de textos para fins específicos. São constitutivos dos objetivos da Linguística do Texto os seguintes pontos:

- dominar instrumentos adequados para a descrição dos contextos de produção textual (contexto físico e contexto socio subjetivo);
- descrever os diversos níveis de textualidade (macro, meso e micro) e os recursos linguísticos mobilizados em cada nível;
- manipular instrumentos adequados para a descrição da arquitetura interna dos textos (infraestrutura geral, mecanismos de textualização e mecanismos de responsabilização enunciativa);
- analisar a arquitetura interna de textos de géneros diferentes no interior de um mesmo tipo de atividade ou associados a atividades diversificadas (académica, publicitária, jornalística, didática, jurídica, etc.).

O alcance dos objetivos apresentados pauta-se pelo conteúdo programático, que a seguir se apresenta de forma sintetizada:

Nível macrotextual

- Noção de *texto*
- Implicações entre atividades de linguagem, géneros e boa formação textual
- Influência dos contextos físico e sociossubjetivo na produção textual
- Arquitetura textual e os seus diversos níveis
- Planos de texto

Nível mesotextual

- Tipos de discurso
- Sequências prototípicas
- Outras unidades não tipificadas

Nível microtextual

- Mecanismos de organização textual
- Mecanismos de coesão nominal e verbal
- Mecanismos de responsabilidade enunciativa

Modelada por uma abordagem heurística (Coutinho, 2017), a articulação entre os objetivos e os conteúdos motiva uma metodologia que implique as discentes no próprio processo de aprendizagem, tendo como ponto de partida quer os textos que circulam em sociedade, quer as temáticas que possam interessar às estudantes. Esta abordagem heurística sustenta-se, numa primeira fase, na observação e na intuição das discentes relativamente à organização textual nos seus diversos níveis, e, num segundo momento, é sustentada (ou alterada) pela docente com os instrumentos de análise desenvolvidos no âmbito da Linguística do Texto e do Discurso, enquadrados em particular pelo interacionismo sociodiscursivo (Bronckart, 1997). Sublinhe-se que essas observações suportadas por instrumentos de descrição e análise, para além de darem validade científica e enquadrarem a reflexão, guiam o próprio percurso de análise das estudantes.

No que diz respeito às atividades desenvolvidas ao longo da UC Linguística do Texto 18|19, centradas na natureza dos textos, nas diversas configurações que podem assumir, no(s) modo(s) como circulam em sociedade, foi seguido metodologicamente um percurso marcado por duas etapas: a primeira, maioritariamente prático-teórica, baseou-se na observação, discussão e análise de textos concretos (selecionados pelas discentes, e pela docente); a segunda, essencialmente prática, teve como objetivo foi a realização do trabalho final, com o planeamento, a formulação de ideias (conteúdo), a textualização (escrita), a revisão e a reescrita. Nesse trabalho final, solicitou-se às discentes uma análise de textos, empíricos e atestados, em que discutissem as relações entre as atividades de linguagem, os formatos textuais (ou géneros) e os mecanismos de textualização, recorrendo aos instrumentos de análise apresentados e utilizados ao longo do semestre. A escolha deste tipo de trabalho prendeu-se com o desenvolvimento de aptidões para: 1) descrever e compreender como funcionam os textos em sociedade; 2) tomar consciência das diversas etapas de textualização; 3) apropriar(-se) do conhecimento (científico); 4) desenvolver um ponto de vista crítico, sustentado cientificamente, com vista à sua reutilização no âmbito profissional.

Descrevem-se, a seguir, de forma mais pormenorizada, as etapas que delinearão o trabalho das discentes. A partir dessa descrição, elaborar-se-á uma reflexão em torno do dinamismo que envolve a textualização, a saber o facto de um texto ser simultaneamente produto e processo.

O texto como produto e processo

No âmbito da unidade curricular, as discentes foram confrontadas com alguns desafios propostos pela docente, naturalmente relacionados com práticas textuais efetivas, no sentido de se apropriarem de modelos que serão necessários ao longo do seu

percurso académico. Assim, numa primeira fase, as estudantes começaram por apresentar um trabalho oral às restantes colegas de turma, trabalho esse que incluiu igualmente a elaboração de uma breve esquematização, em formato *PowerPoint*, que serviu de suporte à apresentação. Num segundo momento, foi-lhes solicitado que procedessem à transposição do seu trabalho oral para um texto escrito, no qual poderiam também incorporar os comentários e observações que a docente e as colegas lhes haviam dirigido, com o intuito de potenciar os eventuais efeitos desta interação entre pares. Desta forma, foi possível obter dois conjuntos de trabalhos, isto é, dois conjuntos de produtos textuais, apresentados nas **páginas XX**.

Esta experiência de construção textual faseada teve como objetivo envolver as estudantes na relação dinâmica que se estabelece entre as modalidades de uso da língua – oralidade e escrita –, na medida em que os dois produtos textuais se complementam e estão relacionados entre si numa espécie de continuum textual (cf. Marcuschi, 1997: 132), não devendo, por isso, ser perspectivados como polos opostos. Concomitantemente, por resultarem de etapas processuais diferentes, esses produtos possuem características igualmente distintas, pelo que houve a preocupação de trabalhar esses dois processos, designadamente a textualização e a retextualização. Se o primeiro exercício exigiu maior capacidade de sistematização, até para respeitar o tempo definido para a apresentação oral em contexto de aula, o segundo implicou a confrontação do texto inicial (subjacente à apresentação oral) com textos de outros autores, assim como um maior posicionamento crítico por parte das estudantes. Não obstante, apesar de distintas, ambas as tarefas obrigaram a uma planificação prévia e a uma produção controlada, para que os textos cumprissem o seu propósito comunicativo, permitindo às estudantes refletir sobre as regularidades linguísticas, textuais e discursivas dos textos produzidos e potenciando o seu desenvolvimento pessoal e académico através da prática dos géneros textuais em causa.

Neste sentido, perspetivar as práticas textuais enquanto atividades propiciadoras do desenvolvimento humano permite considerar cada texto na sua dupla dimensão, isto é, como processo e como produto. Diversos são os autores que focam esse dinamismo. Plane *et al.* (2010) distinguem o texto e o texto em devir e refletem sobre os constrangimentos que exerce o texto já produzido no texto em devir, propondo uma metodologia que encare a temporalidade redacional para “comprendre comment le texte déjà produit et le texte à venir peuvent interagir, voire parfois interférer l'un avec l'autre” (2010: 7). Cislaru e Olive (2018) evocam a necessidade de trabalhar as articulações entre o processo (da textualização) e o texto (enquanto produto), tendo em conta a Linguística do Texto e a Psicolinguística da escrita.

No que se refere ao nosso trabalho, e tendo em conta o objetivo de aprendizagem da descrição da organização textual nos seus diversos níveis, com base na observação e na análise de textos que circulam em sociedade, interessa sustentar o que se entende por texto. Na continuidade dos trabalhos de Coutinho (2003, 2006, 2017), assumimos texto como uma unidade de comunicação global, empírico, circulando nas e pelas atividades de linguagem, que segue as regras organizacionais dos modelos (os géneros) por que se rege. Dentro deste quadro, sendo uma unidade de comunicação, o texto é encarado como produto. Numa outra vertente, coincidente com a primeira, um texto insere-se sempre num fluxo contínuo e dialógico (Voloshinov, 1981), fluxo esse materializado e semiotizado pelo processo de fazer texto – a textualização.

Retomando o contexto formativo e académico no qual se insere esta reflexão, para produzir um texto e alcançar a qualidade textual desejável, torna-se imprescindível a deslocação da atenção do produto (texto) em direção à do processo (textualização) – ou seja, dos conhecimentos declarativos (os saberes sobre) aos conhecimentos processuais (o saber-fazer, a ação), tal como preconiza Alamargot

(2013: 146). Apropriando-nos e transpondo a reflexão de Vygotsky referente à mudança do oral para o escrito, na qual se evidencia a passagem do “plano inconsciente e automático” para “um plano voluntário intencional e consciente” Vygotsky (2007: 261), acreditamos que o deslocamento do produto para o processo possibilita essa passagem do plano inconsciente ao consciente.

Ainda no âmbito das práticas efetivas de texto, é igualmente premente o retorno do processo ao produto, num movimento perpétuo e dialético, entre o saber e o fazer, no qual o texto não é mais uma forma de comunicar e veicular informação, mas sim uma ferramenta de construção do conhecimento humano (Bronckart, 1997, 2008; Gonçalves & Magalhães, 2019).

Referências bibliográficas

Alamargot, D. (2013). Du produit rédigé au processus rédactionnel: vers la nécessaire interdisciplinarité. *Le français aujourd'hui*, 181(2), 145-151. doi:10.3917/lfa.181.0145.

Bronckart, J.-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionnisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.

Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours, et “degrés” de langue. *Texto!*, XIII (1). Disponível em www.revue-texto.net/index.php?id=86

Cislaru, G. & Olive, T. (2018). *Le processus de textualisation: Analyse des unités linguistiques de performance écrite*. Paris: DeBoeck Supérieur.

Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCT/FCG.

Coutinho, M. A. (2006). O texto como objecto empírico: Consequências e desafios para a linguística. *Veredas*, 10(1-2), 1-13.

Disponível em
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25234>

Coutinho, M. A. (2017). Da natureza heurística da Teoria do Texto. *Investigações*, 30(2), 153-172. Disponível em
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/231381>

Gonçalves, M., & Magalhães, M. (2019). Corpus e géneros textuais nas práticas de divulgação de ciência ou as novas hierarquias na construção do conhecimento. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (5), 145-157. Disponível em <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a11>

Marcuschi, L. A. (1997). Oralidade e escrita. *Signótica*, 9, 119-145.

Plane, S., Alamargot, D. & Lebrave, J. (2010). Temporalité de l'écriture et rôle du texte produit dans l'activité rédactionnelle. *Langages*, 177(1), 7-28. doi:10.3917/lang.177.0007

Voloshinov, V. N. (1981). La structure de l'énoncé. In T. Todorov (Ed.), *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique. Suivi des Écrits du Cercle de Bakhtine* (pp. 287-316). Paris: Seuil.

Vygotsky, L. ([1934] 2007). *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

Análise linguístico-textual do humor nos vídeos da *youtuber* Bumba na Fofinha

Beatriz Zorro

Introdução

Este portefólio foi feito no âmbito da cadeira Linguística do Texto, lecionada pela professora Matilde Gonçalves no ano letivo 2018/2019. Neste trabalho, vão ser analisados 3 vídeos da *youtuber* portuguesa Mariana Cabral, mais conhecida como Bumba na Fofinha, que define o seu humor como uma “fusão”: “É um humor de fusão. Como aqueles buffets chineses especializados em tudo – baratucho, potencialmente indigesto, mas por 7,50€ enche-se o bandulho com sushi, burritos e maminha no churrasco. No fundo, é um humor 360º, híbrido, eclético e todos aqueles vocábulos que começam em “multi” e acabam em “al” e que querem dizer quase tudo sem significarem quase nada. O meu humor é tudo isto e muito mais.”

Mariana Cabral define-se como “Moçoila em idade casadoira, com estudos e uma boa anca (uma “anca parideira”, diria a minha avó, perante as mais variadas audiências) –boa para uma ninhada”.

Estes vídeos, que têm como objetivo ridicularizar um tema do quotidiano, vão ser estudados, tendo em conta os níveis contextual e textual, e, também, vai ser feita uma abordagem sobre os elementos linguísticos comuns e singulares utilizados nos vídeos.

Enquadramento teórico

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo analisar os traços linguístico-textuais, comuns e particulares, de três vídeos de uma *youtuber* portuguesa, tendo em conta o contexto de produção, que se refere ao conjunto de fatores (referentes ao mundo físico e/ou social) que influenciam o modo como um texto se organiza (Leal & Gonçalves, 2007), bem como o *modelo da arquitetura interna dos textos* (Bronckart,

Beatriz Zorro, estudante da Universidade NOVA de Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, está de momento a frequentar a licenciatura em Ciências da Linguagem e pretende continuar a enveredar por essa área.

[1997]1999, 2006), a partir do qual são analisados o plano de texto, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos (Bronckart, [1997]1999).

No que se refere ao contexto de produção, serão analisados, sucintamente, os parâmetros físicos (produtor e recetor) e sociossubjetivos (finalidade) (Leal & Gonçalves, 2007). Já ao nível da arquitetura interna do texto, será dada ênfase à linguagem utilizada, aos tipos de discurso (ordem do expor e do narrar) (Bronckart, [1997]1999). Além disso, serão observados certos mecanismos discursivos utilizados, como a sátira, a paródia, a polifonia (Ducrot, 1984) e o dialogismo (Voloshinov, 1977).

Análise textual

No trabalho que se segue, e como já referido na introdução, são analisados 3 vídeos da *youtuber* portuguesa Mariana Cabral, que têm os seguintes títulos: “Temos mesmo de nos beijar?”, “As mentiras que dizemos no Natal”, “10 mandamentos para ver séries”.

Cada vídeo vai ser analisado individualmente, tendo em conta os parâmetros de análise referidos anteriormente.

Primeiramente, vai ser feito um levantamento dos parâmetros que todos os vídeos têm em comum, seguindo-se a apresentação individual de cada vídeo, considerando os parâmetros que os distinguem.

Parâmetros comuns

Em todos os seus vídeos, Mariana Cabral apresenta factos ou eventos do quotidiano. O contexto de produção (físico e sociossubjetivo) tem uma repercussão decisiva no teor dos vídeos, em particular a identidade social da produtora. Conhecida como Bumba na Fofinha, Mariana Cabral é uma jovem humorista portuguesa com o

devido reconhecimento, sobretudo nas redes sociais (*Facebook*) e nas plataformas de partilha de vídeos (*YouTube*). Por outro lado, sendo Bumba na Fofinha a produtora destes vídeos, que são publicados na plataforma *YouTube*, os recetores serão os visualizadores destes vídeos. Podem, ou não, inscrever o canal da *youtuber* e comentar, ou não, os seus vídeos através da plataforma.

O segundo outro traço comum, merecedor de destaque, refere-se ao objetivo comunicativo (ou finalidade) dos vídeos. A produtora perspetiva o quotidiano através de um olhar cómico, fazendo paródias sobre determinados temas do dia-a-dia. Numa primeira análise, pode-se pensar que os seus vídeos são feitos através de humor com efeito satírico, no entanto a sátira nem sempre é de carácter cómico, podendo chegar a ser trágica. A paródia, por sua vez, tem sempre o objetivo de ridicularizar um determinado tema (Marta, 2015). Tendo em conta a diferenciação entre a sátira e a paródia, o humor construído por Bumba na Fofinha é de carácter paródico.

Outro aspeto em comum, que, de facto, não se altera em nenhum dos vídeos, é a linguagem caricata que Mariana Cabral utiliza. Começando todos os seus vídeos com "Oi, malta. Daqui é a Bumba na Fofinha" e, ainda em alguns, acrescentando "Tiveram saudades minhas?", Mariana Cabral cria um ambiente informal, caracterizado pela sua linguagem, pelos temas abordados e até mesmo pelo modo como os vídeos são feitos (através expressões faciais e físicas cómicas, o facto de a cara da *youtuber* estar sempre em primeiro plano, dando, assim, a entender que está a ter uma conversa coloquial com os seus visualizadores).

O último parâmetro comum dos vídeos diz respeito à presença e à interação de diversas vozes nos textos. A polifonia (Ducrot, 1984) e o dialogismo (Voloshinov, 1977), noções relevantes no âmbito da linguística do texto e do discurso, são ferramentas que evidenciam esse fenómeno de pluralidade das vozes. Pela polifonia, é possível compreender a convocação de enunciadores diferentes, em

consonância ou dissonância com a da *youtuber*. De facto, Bumba assume o “papel” de várias pessoas, como, por exemplo, no seu vídeo “Bumba na Fofinha e as mentiras que dizemos no Natal”, no qual interpreta o papel de mãe, filha e até pai e avô, recorrendo a elementos paralinguísticos, tais como a mudança de voz, de mímica e de conteúdo. Pela utilização de exemplos e de recortes de discurso de outras pessoas, ou até mesmo dela, e daquilo que observa no seu dia-a-dia, marcados nos seus vídeos pela mudança de imagem a cores para preto e branco, ou até pela mudança de voz, observa-se, igualmente, a presença do dialogismo, fenómeno constitutivo de todas as atividades de linguagem, nas quais se recupera, se repete e se apropria o que foi dito anteriormente, evidenciando, deste modo, que o dito se situa num fluxo contínuo de interações.

Conclui-se assim que o dialogismo é um mecanismo constante, e, por outro lado, a criação da polifonia é o objetivo desta *youtuber*. A presença de várias vozes, que a partir da interpretação que Mariana Cabral faz, cria um ambiente, no qual o efeito cómico é acentuado, permitindo ao visualizador “rever-se” no que está a ser dito (Barros, 1997).

Parâmetros particulares

Vídeo 1 – Temos mesmo de nos beijar?



Imagem 1: extraída do vídeo Temos mesmo de nos beijar?; disponível em:
<https://youtu.be/13FIFPmhfwE>

Bumba na Fofinha começa este vídeo com uma pequena introdução, dizendo que “o tema de hoje são os beijos”. De seguida, comenta a sua perspetiva: não é uma pessoa que valorize o contacto físico indesejado com pessoas que não conhece. Neste segmento, é utilizada a ordem do expor implicado, que se caracteriza predominantemente pela presença de formas verbais no presente do indicativo “começa”, “puxa-nos” e com a presença pontual do pretérito imperfeito “achávamos”, “íamos” e do pretérito perfeito composto “tenham gostado”, marcando um valor de conjunção temporal e continuidade, em relação à temporalidade da situação de produção e, também, pela implicação do produtor nas ações verbalizadas: “Eu confesso que sou uma pessoa que não aprecia contacto físico indesejado com pessoas”.

De seguida, inclui os visualizadores no seu discurso continuando na ordem do expor implicado; no entanto, fá-lo com marcas da 3.ª pessoa do plural: “Se pensarem bem, se nós cumprimentarmos todos os nossos colegas de trabalho de beijinho todos os dias”, “depois ficamos no abraço demasiado tempo”. Continuamente utiliza a ordem do expor implicado.

Neste vídeo, também são utilizados alguns estrangeirismos, como, por exemplo: “Man, isto é um beijo de bom dia.”, “say what?” e gíria, caracterizada por ser um tipo de linguagem de carácter popular: “até invejo os países nórdicos que se cumprimentam sempre de bacalhau”.

Vídeo 2 – *As Mentiras que dizemos no Natal*



Imagem 2: extraída do vídeo *As Mentiras que dizemos no Natal*; disponível em: https://youtu.be/xs-UK_lgITU

Neste segundo vídeo, Mariana Cabral tem como objetivo reproduzir as mentiras mais caricatas que são ditas durante a época natalícia.

Começa por fazer uma pequena introdução do tema, estando presente a ordem do expor implicado marcado pela presença da 1.ª pessoa do plural: “somos todos boas pessoas, mas aqui entre nós, é o dia em que mais mentiras dizemos por minuto (...)”. No entanto, quando a introdução acaba, não existem mais marcas da 1.ª pessoa do plural, passando só a existir marcas da 1.ª pessoa do singular – “Não estou

nada bêbeda, estou alegre” – e também referência à 3.^a pessoa do singular – “A tua filha não está gorda. Está só assim cheiinha.”.

Este segundo vídeo caracteriza-se também pela presença de elementos não verbais: a *youtuber* enumera, neste caso, cada mentira e essa enumeração é visível no vídeo.

Vídeo 3 – *10 mandamentos para ver séries*



Imagem 3: extraída do vídeo *10 mandamentos para ver séries*; disponível em: <https://youtu.be/H0aw8k9umKk>

Neste vídeo, a *youtuber* não faz qualquer tipo de introdução, passando diretamente aos “10 mandamentos”, parodiando o Decálogo, livro bíblico pertencendo ao Antigo Testamento. Estes são marcados no vídeo por elementos não verbais, ou seja, são enumerados e, para além da enumeração, também é visível o “tópico” que irá ser abordado nesse mandamento.

A forma verbal no futuro do indicativo, bem como as frases declarativas são fortemente usadas ao longo deste vídeo “Não verás; Não adormecerás; Não criticarás”, “Não taparás os olhos em nenhum

momento. Nem quando um crânio humano se desfizer à tua frente”, construindo deste modo a ordem do expor implicado.

Também, neste vídeo, são utilizados alguns estrangeirismos como: “(...) a girl has no name (...)”, “(...) Do not spoilerate (...)”, “(...) You know nothing, John Snow”, e ainda termos do calão.

Considerações finais

A partir deste trabalho, compreende-se que, para a realização de um vídeo, são utilizados diversos mecanismos textuais e discursivos, tais como a polifonia, o dialogismo, a paródia, bem como mecanismos não linguísticos, a saber o tom de voz, as expressões faciais, a alternância entre da imagem do vídeo a cores e a preto e branco.

Bumba na Fofinha, jovem youtuber portuguesa, parodia factos e eventos do quotidiano, a partir dos diversos mecanismos evidenciados ao longo deste trabalho. Pelo humor e pela paródia, é possível a cada visualizador rever-se numa dada situação, criando assim uma relação de proximidade entre a humorista e o público. A esfera informal e coloquial, que se prende com a sua imagem enquanto youtuber, contribui indubitavelmente para essa proximidade.

Corpus

Cabral, M. 2016. Bumba na Fofinha e As mentiras que dizemos no Natal

Cabral, M. 2017. 10 Mandamentos para ver séries

Cabral, M. 2017. Temos mesmo de nos beijar?

Referências Bibliográficas

Barros, D. L. P. (1997). Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In B. Brait (Ed.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido* (pp. 25-36). Campinas, SP: Editora da Unicamp.

Bronckart, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC.

Bronckart, J.-P. (2006). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas : SP: Mercado das Letras.

Ducrot, O. (1984). *Le dire et le dit*. Paris: Minuit.

Leal, A. & Gonçalves, M. (2007). "Gêneros ficcionalizados e identidade de gênero". In A. Bonini, D. C. Figueiredo, F. J. R. (Eds) *Atas do 4º SIGET, Tubarão – Santa Catarina*. ISSN 1808-7655. (pp. 696-707). Disponível em:
<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/25.pdf>

Marta, E. (2015). Paródia vs sátira. Consultado a maio 7, 2019, em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/parodia-vs-satira/30088>

Voloshinov, V. N. ([1929] 1977) *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.

Anexo - Transcrição da componente verbal dos vídeos analisados¹

Nota: A transcrição, aqui apresentada, corresponde a um recorte dos vídeos. A escolha recaiu sobre as partes mais relevantes para a análise linguística e textual.

¹O símbolo “*” (asterisco) indica que o que a youtuber disse não foi perceptível.

Vídeo 1 - Temos mesmo de nos beijar?

Oi, malta, daqui é a Bumba na Fofinha. O tema de hoje são os beijos.

Eu confesso que sou uma pessoa que não aprecia contacto físico indesejado com pessoas que, portanto, não conheço ou com quem não tenho intimidade e neste pequeno pormenor eu até invejo os países nórdicos que se cumprimentam sempre de bacalhau.

– “Tá tudo bem ou quê?”

– “Que nojo...”

Se pensarem bem, se nós cumprimentarmos todos os nossos colegas de trabalho de beijinho todos os dias [e se as colegas não se chamarem * ou Carlota, já repararam que para falarem à tia basta fingirem que têm dois fios a puxar os cantos da boca, têm de ter assim o braço desmaiado (isto foi super creepy, não foi?)]

Portanto vamos dar pelo menos um beijinho em cada bochecha, que dá dois por dia, cinco vezes por semana, o que se acaba quase por traduzir em 600 beijos por ano.

E se trabalhares numa empresa grande e multiplicarmos pelos nossos 400 colegas, dá sensivelmente cerca de 212797 mil beijos.

‘Tão proibidos de me perguntar como é que eu fiz as contas, porque nem eu sei!

Acaba por ser mais beijos do que aqueles que nós realmente queremos dar às pessoas de quem gostamos e escolhemos beijar, não é o vosso namorado, marido, amante.

* pessoas que têm imensa intimidade connosco, porque nos tocam inusitadamente durante a conversa. Aquela malta que, em vez de fazer o simples encosto de cara, vira a cabeça para ficar mesmo perpendicular à nossa bochecha e mandar mesmo assim os lábios diretamente.

Ou pior, aqueles colegas que não dão beijos dizem-nos “Mua, mua” e às vezes já achávamos que íamos ter um beijo completamente desprovido e * mas de repente a pessoa começa a fazer-nos festas no

ombro, puxa-nos pelo nosso pescoço, *man* isto é um beijo de bom dia, não um linguado, ou faz coceguinhas, ou, pior ainda, beliscões. Malta, não é aceitável beliscar pessoas. Não interessa se o vosso parceiro vos deixa beliscar os mamilos, por favor não belisquem os outros.

E aquele colega que insiste no abraquinho, depois ficamos no abraço demasiado tempo, e diz expressões tipo: “que bom, abraquinho bom.” E nós não sabemos o que havemos de fazer, ficamos tipo a dar palmadinhas *awkward* nas costas dele.

Mas pior dos piores são aqueles colegas que produzem muito mais saliva do que é aceitável no ser humano, então acumulam-na aqui nos cantinhos da boca, fica tipo assim uma concentração de espuma e que muitas vezes forma uma estalactite e uma estalagmite de cuspo, que se unem no meio e formam ponta elástica que se abre tipo acordeão quando ele fala.

Eu sou aquela pessoa que às vezes tenta entrar num grupo cheio de gente e dizer o famoso “Olá geral”: “Olá, tudo bem?” “não se levantem, não se levantem”. Eu juro que tento. Mas há sempre um gajo no escritório que é um beijoqueiro em série, não sei, ele é carente, faz questão de vir ter connosco para reclamar o seu beijo TODOS OS DIAS. E mesmo sem ser beijos, às vezes até o próprio passou-bem é assim suadinho, e nós não estamos à espera e de repente damos o *passou-bem* e parece que tamos a agarrar num sabonete de lampreia mole. Às vezes até escorrega assim.

Ou então aquela malta que fala connosco a dar-nos festas como se fôssemos um Golden Retriever: “Quem é este menino lindo, quem é?”, “Coçar o peitinho”, “Atrás das orelhas”.

E quando nós temos que cumprimentar uma pessoa que está sentada e nós estamos de pé e não decidimos a tempo para que lado vai a cara de quem “oh... não, ah”; ficamos ali num limbo bué da *awkward* tipo “Oi, oh oh ooh”, que parece que ‘tamos a fazer uma *battle* de hip hop, só para evitarmos dar um beijo na boca. Depois até acabamos a dar um beijo num ângulo super estranho e antinatura.

Há muitos problemas logísticos para superar, malta, portanto eu defendo totalmente a abolição dos beijos no local de trabalho e deixo-vos aqui várias razões lógicas para isso acontecer já:

1. Porque quando são duas pessoas a cumprimentar-se com óculos isto acontece. “Tá tudo bem ou quê?”

2. Às vezes há um pelo no buço que faz faísca e dá choque. “Ah, desculpa!”.

3. Porque no trabalho nem sempre é claro o protocolo da coisa, então às vezes achamos que a pessoa nos vai dar um beijo, mas afinal é um *passou-bem*. Eu, por exemplo, costumo investir sempre nas duas beijocas, mas já me aconteceu estar errada e quando vou, portanto, para o encosto, levo assim *upper cut* no estômago. Que era o *passou-bem* falhado, mas depois já era tarde demais para dar na bochecha, então ficamos ali um bocado wow wow.

Portanto, acho mesmo que temos de abolir esta prática no local de trabalho.

Já temos coisas suficientemente humilhantes a acontecer no escritório, nomeadamente o valor do nosso salário.

Espero que tenham gostado, malta, que comentem, que partilhem e que me apoiem nesta iniciativa e fiquem atentos ao meu fb, porque ainda esta semana vou partilhar a parte dois deste vídeo, exclusivamente sobre um flagelo da nossa sociedade, que é, portanto, o dar um ou dois beijinhos, porque parece que para 1% da nossa população ainda não ‘tá claro, ‘tá a ver, isso gera imenso penduranço.

Beijos

Vídeo 2 – As mentiras que dizemos no Natal

Oi, malta. Daqui é a Bumba na Fofinha. O tema de hoje são as mentiras que dizemos no dia de Natal. É incrível como supostamente o Natal é aquela época de boas ações, somos todos boas pessoas, mas, aqui entre nós, é o dia em que mais mentiras dizemos por minuto. É certo que são mentiras ligeiras, para não ofender, e, para provar esta teoria,

reuni só para vocês, o top de mentiras no dia de Natal e vocês têm a obrigação natalícia de, no final deste vídeo, se chibarem nos comentários de quantas mentiras destas já usaram. Vamos fazer assim uma lavagem de roupa suja. Em três, dois, um, go.

- Ai, gosto imenso deste presente. Não preciso do talão de troca, eu, eu adorei.

- Por acaso não acho que o peru esteja seco. Qual precisa de molho? 'Tá bom. Custa só um bocadinho a engolir, se calhar.

- Estas rabanadas são sem glúten, não engordam.

- Não 'tou nada bêbeda, 'tou alegre.

- Por acaso gosto de ir em família para a missa do galo. Apesar de 'tar 1 grau negativo e de eu já 'tar a bocejar, não me importo de ir à missa à meia-noite. É tradição.

- Ai, filho. Qual obesidade infantil? A tua filha não 'tá gorda. 'Tá só assim cheiinha. Ela sempre foi mais p'ó... 67 quilos? Isso são ossos pesados, filho. Tem anca parideira como a avô.

- Ahhhmmm, eu acho que ainda consigo comer mais uma sobremesa.

- A sério, avó, o bacalhau 'tá ótimo, não 'tá salgado.

- Não faz mal, tia. As calças podem não me servir agora, mas vão me servir p'ó ano, porque eu vou emagrecer... 10 quilos. Vou memo ficar seca. As minhas perninhas vão ficar tipo assim.

- Não, ora essa! Eu uso muito écharpes.

- Achas que eu me importo de receber o mesmo presente de anos e de Natal só porque faço anos em dezembro? Não, eu adoro fazer anos perto do Natal. Não me importo que Jesus Cristo leve a atenção toda.

- Dar dinheiro é muito impessoal.

- Não, meu amor. A mãe adora os presentes que és tu a fazer. Em barro, plasticina, guache, aguarela e tudo aquilo que suja muito. Adoro.

- Não, isto é só uma lembrancinha. Depois o presente a sério vem depois.

- Uma pessoa a partir de uma certa idade já não dá tanta importância aos presentes, compreendes? Já amadureceu um bocado. Não importa tanto o lado material.

- Não, mãe. Eu não 'tou * porque o presente que ofereceste ao irmão mais velho é mais caro do que o meu. Eu nem 'tou a contar o dinheiro. Eu não acho que tenhas filhos preferidos...

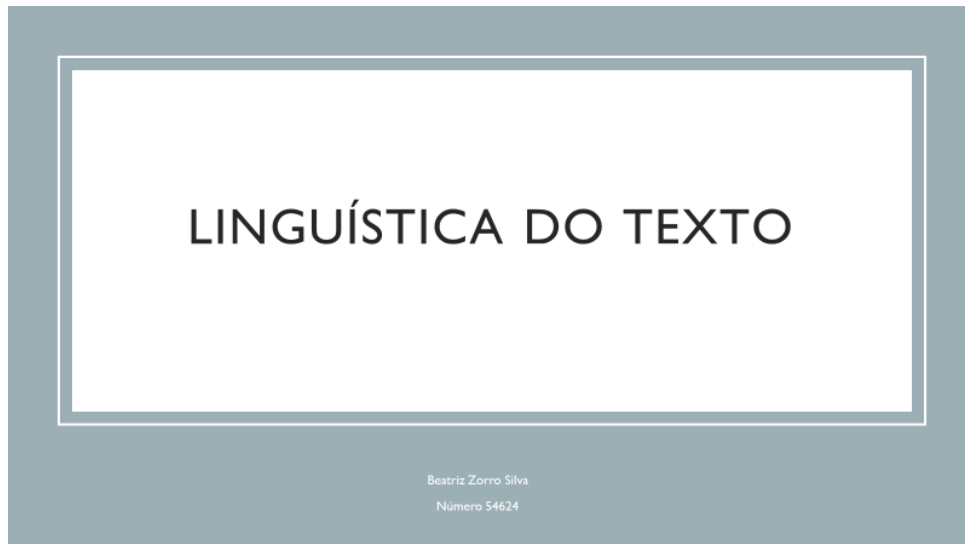
- O quê?! Uma caixa de Ferrero Rocher? O meu preferido?

Vídeo 3 – 10 mandamentos para ver séries

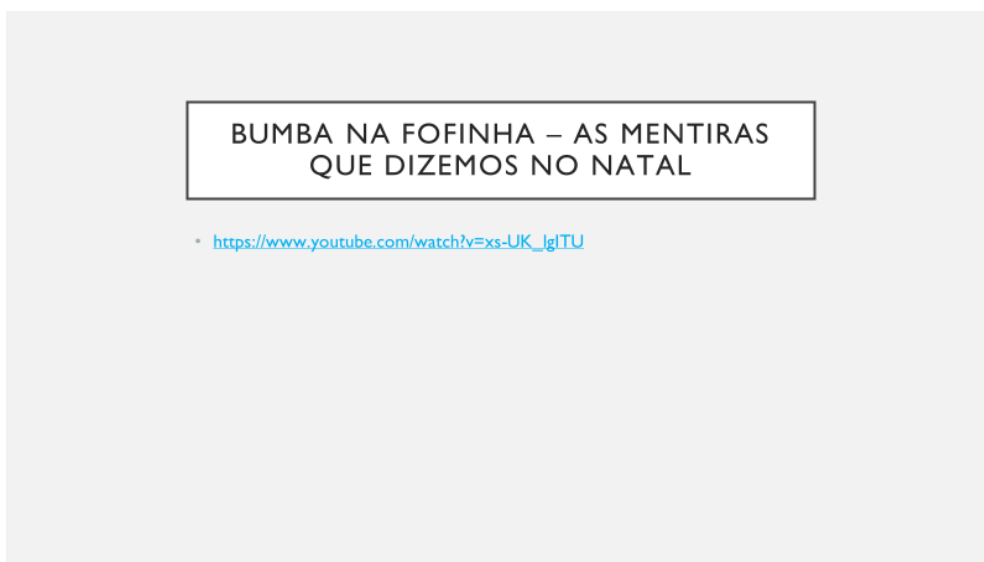
1. Não verás episódios novos na ausência do parceiro. Não senhor, é que isso é infidelidade da grossa.
2. Não adormecerás a meio. Criando desfasamento e obrigando o outro a ver outra vez contigo. Não. Tomarás Redbull, se necessário.
3. Não interromperás para fazer xixi, aguentar-te-ás, se necessário.
4. Não criticarás a comoção ou choro alheio, alegando: "Mas tu sabes que isto é ficção, certo?". Não, senhor.
5. Não criticarás os *pop-ups* de anúncios que surgem aos berros no teu *browser*, porque estás a ver em *sites* piratas. Não criticarás, porque os *hackers* também têm sentimentos e 'tão a prestar um serviço público.
6. Não perguntarás: "então, mas e este, quem é que é?", "Este era quem mesmo?", "'Tão, mas este era filho de quem?", "'Tão e este é quem?". Explicar em tempo real é perder tempo de episódio em vão. A *girl has no name*, mas há que saber o nome dela. Faz o teu TPC, car****!

7. Não terás uma internet de bosta. Arranjarás uma internet que permita ver o *site* pirata, sem fazer (...). 'Tava a brincar, que engraçado.
8. Não spoilerás, nunca, nunca, nunca spoilerás. *Do not spoilerate*. Nem com teorias da conspiração que leste no *Reddit* e que queres fingir que são tuas para parecer que és bom e que 'tás bué à frente, não. *You know nothing, John Snow*.
9. Não taparás os olhos em nenhum momento, nem quando um crânio humano se desfizer em lascas à tua frente.
10. Não recusarás ver "só mais um episódio", se o parceiro ou parceira te pedir. Há demasiadas séries boas e a vida é demasiado curta p'ra as ver todas. Portanto, varrerás sete episódios até de madrugada, se necessário, desde que uma das partes assim o queira. De nada."

Apresentação em *PowerPoint* realizada no âmbito da unidade curricular *Linguística do Texto*



Diapositivo 1



Diapositivo 2.

• **Categorias de análise:**

1. **Nível contextual (contexto de produção)**

- Produtor textual
- Intenção comunicativa
- Suporte

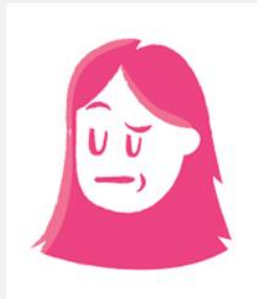
2. **Nível textual**

- Conteúdo temático
- Estrutura (plano de texto)
- Mecanismos linguísticos

Diapositivo 3.

- **Nível contextual**
- Produtor textual
- Intenção comunicativa
- Suporte

- **Nível textual**
- Conteúdo temático
- Estrutura (plano de texto)
- Mecanismos linguísticos



Diapositivo 4.

- **Mecanismos linguísticos**
- **Linguagem informal:**
 - Oi, malta;
 - Chibarem;
 - Fazer uma lavagem de roupa suja;
 - Vou ficar “memo” seca.
- **Sátira VS Paródia**
- **Polifonia e dialogismo;**
- **Ordem do expor e ordem do narrar:**
 - Expor autônomo:
 - Autor não se implica no discurso: “*Estas rabanadas são sem glúten, não engordam*”
 - Expor implicado:
 - Autor implica-se no discurso: “*Aj gosto imenso deste presente. Não preciso do talão de troca, eu, eu adorei.*”
 - Marcas da primeira pessoa do plural: “*(...) Somos todos boas pessoas, mas, aqui entre nós, é o dia em que mais mentiras dizemos por minuto.*”
 - Marcas do presente: “*Não tou nada bêbeda, tou alegre*”

Diapositivo 5.

“O NOVO NÃO ESTÁ NO QUE É DITO, MAS
NO ACONTECIMENTO DE SUA VOLTA”
MICHEL FOUCAULT

Diapositivo 6.

O linguístico e o extralinguístico: como as convenções sociais ultrapassam as normas linguísticas

Cláudia Castro

Introdução

Para além do material linguístico, os textos são constituídos por componentes sociais, históricos e culturais. Estudiosas do texto, como Coutinho (2003, 2006) e Miranda (2010), frisam a importância do “social” na organização textual, em particular, o facto de as convenções criadas em sociedade serem simultaneamente inerentes e constitutivas do texto. A conceção desta unidade comunicativa, que é o texto, é enformada por regras sociais que vão para além do que é estritamente linguístico. Assim, assumimos que a boa formação textual ultrapassa as normas linguísticas, pois deverá também obedecer a princípios situacionais e contextuais.

Estas regras sociais, por estarem num nível superior à língua, podem criar discrepâncias. Dito de outro modo, podem ir contra uma norma linguística, onde o valor social (exterior/contexto) prevalece em relação ao que é tido como correto linguisticamente (interior/cotexto). A dicotomia entre exterior e interior procura evidenciar, por um lado, a dinamicidade entre as regras sociais e as normas linguísticas, perspetivando a influência mútua, que as dimensões social e linguística podem exercer, e, por outro, o texto como objeto empírico no qual essa dinamicidade pode ser observada.

No que aqui se apresenta, vão ser analisados dois cartazes promocionais referentes ao filme *Captain Marvel*, estreado, a nível mundial, em março de 2019. Os dois cartazes, aqui observados, circularam em diferentes contextos, Brasil e Portugal, e ambos se inscrevem no âmbito das atividades artística e publicitária. O objetivo do presente trabalho é observar e discutir como se dá a dinamicidade

Cláudia Castro, estudante da Universidade NOVA de Lisboa, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, está de momento a frequentar a licenciatura em Ciências da Linguagem.

entre o linguístico e o social nos cartazes, em particular, no que diz respeito ao uso do masculino e do feminino. Para tal, far-se-á um breve enquadramento teórico, seguido de uma descrição dos cartazes, bem como das diversas unidades verbais e não verbais convocadas. Metodologicamente e para facilitar o aprofundamento do tópico, cada texto será analisado individualmente.

Texto – aspetos semióticos e socio-históricos

Partindo dos estudos de van Dijk, em particular da obra *Ciência del Texto* (1983), Florencia Miranda perspetiva o texto como um “objeto psico-sócio-semiótico” (2010: 29), no qual se interrelacionam, na construção textual, as três vertentes, mais precisamente as propriedades cognitivas ou psíquicas, os parâmetros sociais e históricos na dinâmica de funcionamento dos textos e os aspetos linguísticos e/ou semióticos, na qual há articulação entre o verbal e o não verbal. No presente trabalho, o foco será fundamentalmente a dimensão semiótica e socio-histórica dos dois textos em análise.

De acordo com a linguística do texto e do discurso (Adam, 2008; Bronckart, 1999; Coutinho, 2003, 2006, entre outros autores), o contexto, diferente do cotexto, exerce uma influência capital na produção e na organização textuais. Sem nos determos nesta questão, importa referir que os elementos externos ao texto intervêm na escolha dos recursos semióticos, como se verá, posteriormente, na descrição dos cartazes promocionais do filme.

Alguns aspetos sobre a categoria de género em português

Embora nas gramáticas não se encontre um estudo aprofundado, a nível morfológico, sobre a marcação de género, é assumido que em português há flexão em género. A herança latina faz com que várias classes de palavras da língua portuguesa sejam diferenciadas pela marcação morfológica do género (Cunha & Cintra,

1984). Verifica-se, assim, na descrição tradicional do género gramatical do português uma dependência, por norma, entre a flexão nominal em género e a categoria sexual do referente nominal:

No português, o género é uma categoria morfo-sintáctica que possui dois valores: masculino e feminino. Quando associado a um nome animado, o masculino refere geralmente uma entidade de sexo masculino, e o feminino refere uma entidade de sexo feminino. (Mateus *et al.*, 2003: 929)

Cartazes promocionais do filme *Captain Marvel*

Os cartazes de filme são formatos textuais utilizados para divulgar a estreia de um filme e, simultaneamente, o promover a nível nacional e internacional, circulando dentro e fora dos cinemas, na rua ou nas lojas, por exemplo. Frequentemente constituídos por unidades verbais, como o nome do filme, das atrizes e atores, ou ainda o nome do realizador ou da realizadora, bem como por unidades não verbais, fotografia da ou das personagens principais, os cartazes apresentam uma mancha gráfica estabilizada, permitindo distinguir este género facilmente.

Realizados por profissionais da comunicação e emitidos pelos distribuidores do filme, os cartazes adaptam-se em função do país onde o filme é exibido, daí ser comum um mesmo filme ter cartazes diferentes em função do local onde circula, como é o caso dos exemplos escolhidos para este trabalho. Sendo o objetivo comunicativo dos cartazes o de captar a atenção do recetor e promover o filme, os mesmos recorrem a um conjunto de unidades verbais e não verbais para criar um efeito estético e de fácil entendimento.

No caso que nos interessa, a divulgação do filme *Captain Marvel*, através de cartazes, realizou-se em março de 2019. Produzido pelos estúdios da Marvel e distribuído pelos estúdios da Walt Disney, o filme

contou com um grande financiamento, quer para a produção, quer para a sua promoção a nível internacional¹.

Para além do sucesso que teve nas bilheteiras, o filme levantou alguma discussão referente ao título do mesmo no contexto português, como se pode verificar num artigo da revista *Visão* intitulado “Afinal, porque é que a nova heroína da Marvel se chama Capitão e não “Capitã”?”, da autoria de Teresa Campos e publicado a 11 de março de 2019².

É esse ponto que nos propomos descrever e discutir a seguir, sumariamente.

Cartaz do filme em versão portuguesa



Figura 1. Versão portuguesa do cartaz do filme Captain Marvel

Enquanto género textual que integra o meio artístico e publicitário, o cartaz promocional de filme obedece a regras específicas: em grande plano, tem como imagem principal a figura da

¹ As informações foram retiradas do sítio da Marvel: <https://www.marvel.com/movies/captain-marvel>, consultado a 17 de maio de 2019.

² Disponível aqui: http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2019-03-11-Afinal-porque-e-que-a-nova-heroína-da-Marvel-se-chama-Capitao-e-nao-Capita_, consultado a 17 de maio de 2019.

protagonista, destacando-a com o título em baixo para promover o filme. É de notar o título original em inglês *Captain Marvel* e a respetiva tradução para português, abaixo do título original, *Capitão Marvel*, entre parênteses. Produzido com a intenção de ser casual para ambientes como a rua e os cinemas, e também digitalmente, este cartaz atua como unidade comunicativa, transmitindo informação sobre o tema, e com significado, ainda que predominantemente não verbal. Todavia, e tendo em conta que a imagem funciona como criação do referente, observa-se, no caso em apreço, uma incongruência entre a imagem de uma mulher e o recurso ao género masculino em “capitão”, embora a língua portuguesa disponha da possibilidade, para os nomes animados, de referir uma entidade de sexo masculino ou de sexo feminino, em função do referente a ser construído.

A palavra “captain”, em inglês, tem marca de género neutro; um fenómeno permitido pela língua inglesa, pois alguns nomes não têm marca nem de número nem de género. Isto torna-se difícil para uma língua latina como o português, onde tal fenómeno não acontece. Na tradução portuguesa, a opção de “capitão” deve-se não a questões gramaticais, mas sim contextuais. De facto, existe, em Portugal, o equivalente feminino de capitão, capitã, todavia este não se aplica à esfera militar, como é o caso do filme. De acordo com as normas dos postos e dos distintivos da Força Aérea Portuguesa¹, mesmo que os nomes refiram pessoas do género feminino, os nomes não são feminizados. Portanto, esta escolha do título foi feita a partir de elementos extralinguísticos.

¹Verifique-se aqui, no sítio da Força Aérea (<https://www.emfa.pt/p-201-postos-e-distintivos>) e no seguinte artigo da Revista Militar (<https://www.revista militar.pt/artigo/825>), nos quais ocorrem nomes de mulheres associados ao posto na versão masculina, como, por exemplo, “Capitão Bruna Oliveira”.

Cartaz do filme em versão brasileira



Figura 2. Versão brasileira do cartaz do filme Captain Marvel

No segundo cartaz, correspondente à versão brasileira, a situação é diferente, como se pode ver na figura 2. Observam-se, neste caso, imagens das personagens em grande plano e o título em baixo, mas, neste caso, só há um título e está traduzido para português "Capitã Marvel". Este título único, em português, respeita a norma portuguesa de feminização dos nomes, Capitã Marvel.

Tal como em Portugal, no Brasil não há feminização dos nomes dos postos na Força Aérea¹, ou seja, não existe o equivalente de capitã para feminino nas Forças Armadas. Assim, no cartaz da versão brasileira, poderá pensar-se que foi dada prioridade aos elementos estritamente gramaticais. Por outro lado, e tendo em conta a importância da língua na criação da identidade pessoal e social (Bronckart, 1999), o recurso à feminização do nome do posto da Força Aérea contribui, em certa medida, para dar visibilidade ao papel das mulheres nas Forças Armadas.

¹Cf. <http://www.fab.mil.br/postosegraduacoes>, consultado a 19 de maio de 2019.

Outro aspeto que merece destaque por ser problemático é a dimensão semiótica. Neste cartaz, temos várias personagens, mas a marca de género continua feminina. Pelo contrário, no primeiro cartaz (figura 1), só existe uma personagem (feminina), mas a marca de género continua masculina. Este aspeto poderá evidenciar que houve um esforço deliberado por parte dos produtores textuais para contemplar o papel de uma personagem feminina, neste filme.

Notas conclusivas

Neste trabalho, a partir da descrição de dois cartazes referentes a um mesmo filme, *Captain Marvel*, procurámos evidenciar a dinamicidade que se tece entre o linguístico e o social. Para tal, observou-se que, apesar de a forma capitã ser legítima em português, de acordo com as regras gramaticais, o uso da língua portuguesa dentro das Forças Aéreas em Portugal e no Brasil não admite a feminização de capitão, ou seja, capitã. Apesar de essa regra existir, o cartaz na versão brasileira assumiu a feminização do posto e optou-se por capitã.

Tecemos, ao longo deste trabalho, uma reflexão sobre um cartaz cinematográfico, sobre como a língua é “normalizada” e usada em sociedade e, também, sobre a presença (ou ausência) da mulher através da feminização dos nomes. Relembremos que, em Portugal, Maria de Lourdes Pintassilgo foi a única mulher “primeiro-ministro” e que, no Brasil, Dilma Rousseff foi a primeira mulher a ser “presidenta”. Pretendemos, igualmente, ao longo do que foi exposto, alimentar uma discussão dos efeitos linguísticos num contexto socio-histórico, e repensar a herança social relacionada com a história do papel da mulher na sociedade, em que os nomes foram criados no masculino e são tradicionalmente mantidos no masculino, apesar de serem mulheres a assumir o cargo.

Referências bibliográficas

Adam, J.-M. (2008). *A linguística textual: Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez Editora.

Bronckart, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sociodiscursivo*. São Paulo: EDUC.

Coutinho, M. A. (2003). *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCT/FCG.

Coutinho, M. A. (2006). O texto como objecto empírico: Consequências e desafios para a linguística. *Veredas*, 10(1-2), 1-13. Disponível em <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo076.pdf>

Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.

Miranda, F. (2010). *Textos e géneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCT/FCG.

Mateus, M. H. M. et al. (Orgs.). (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (6.ª edição). Lisboa: Caminho.

Outras referências

Campos, T. (2019, março 11). Afinal, porque é que a nova heroína da Marvel se chama Capitão e não "Capitã"? *Visão*. Consultado em maio 17, 2019, disponível em <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2019-03-11-Afinal-porque-e-que-a-nova-heroína-da-Marvel-se-chama-Capitao-e-nao-Capita->

Fachada, C., Martins, N. Q., Oliveira, M. J., Quintas, R. & Telha, A. C. (2013). Mulheres nas forças armadas portuguesas: A realidade da força aérea. *Revista Militar*, 2536. Consultado em maio 19, 2019, em <https://www.revistamilitar.pt/artigo/825>

Força Aérea. (2019). Postos e distintivos. Consultado em maio 19, 2019, em <https://www.emfa.pt/p-201-postos-e-distintivos>

Força Aérea Brasileira. (2019). Postos e graduações. Consultado em maio 19, 2019, em <http://www.fab.mil.br/postosegraduacoes>

Apresentação em *PowerPoint* realizada no âmbito da unidade curricular Linguística do Texto

O linguístico vs o extralinguístico

LINGUÍSTICA DO TEXTO
CLÁUDIA CASTRO Nº52596

Diapositivo 1.

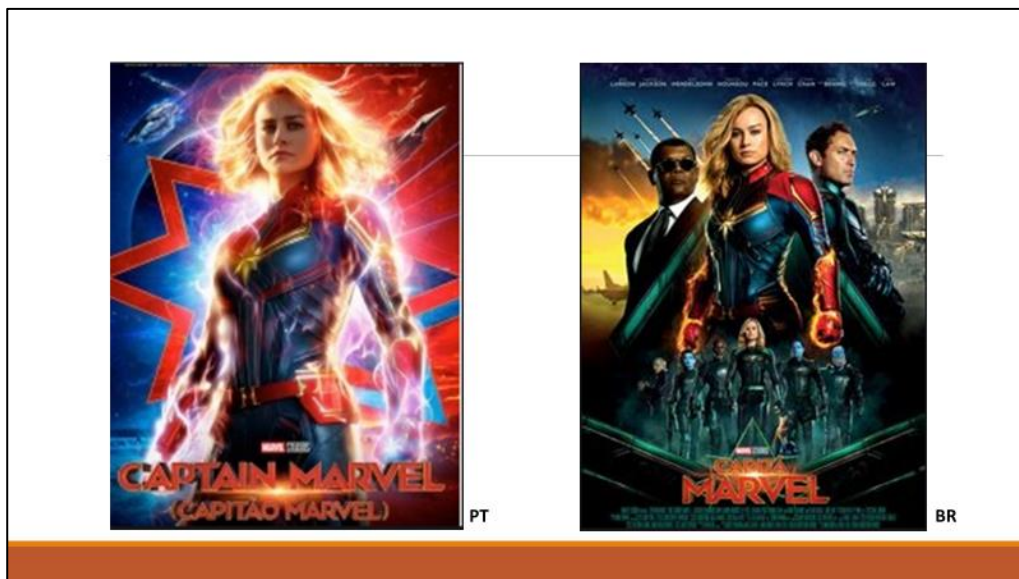


PT



BR

Diapositivo 2



Diapositivo 3

Estrutura: imagem com título.

Conteúdo temático: anunciar projeto artístico.

Intenção comunicativa: vender um produto.

Suporte: poster; cartaz; imagem online para redes sociais.

Produtor textual: Marvel/ NOS cinemas e empresas de tradução.

Atividade de linguagem: arte.

Diapositivo 4

A palavra "captain" é neutra no inglês, ou seja, não especifica o género.

A tradução de inglês para uma língua românica impõe que haja uma marca na palavra que indique o género.

Neste caso, "captain" pode passar a "capitão" com a marca de género masculina, ou pode ser "capitã", com a marca de género feminina.

Diapositivo 5

Versão Portuguesa

Em Portugal, temos o caso da tradução de "captain marvel" para "capitão marvel", devido ao facto de em Portugal, as Forças Armadas ainda não oficializaram a feminização do posto. Portanto foi feita uma escolha não linguística.

Esta escolha é problemática porque causa uma dissonância entre a imagem de uma mulher e o título masculino.

Diapositivo 6

Versão Brasileira

Na versão brasileira da mesma imagem, temos "capitã".

Esta versão ignorou o cargo e usou a feminização de capitão.

De uma maneira, também está correto. A regra morfológica de feminização de um nome prevaleceu ao invés do termo oficial da forças armadas.

Diapositivo 7

Averiguação

A versão brasileira encaixa-se melhor na tradução do título "captain marvel" devido a dois pontos:

- O termo está desatualizado. Não existe razão para que o posto continue só no masculino.
- Como é um meio artístico, há a possibilidade de usar uma forma "ilegal" e não tem que se fiar em leis ou em termos legais.

Diapositivo 8

Referências

<http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2019-03-11-Afinal-porque-e-que-a-nova-heroina-da-Marvel-se-chama-Capitao-e-nao-Capita->

Diapositivo 7

Análise textual de “A alma dos bichos” in *Visão*

Joana Oliveira

Introdução

Este trabalho enquadra-se na unidade curricular de Linguística do Texto 2018|2019, no âmbito do curso de Ciências da Linguagem, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH).

Como o título indica, o trabalho irá incidir sobre a análise do texto “A Alma dos Bichos”, retirado da revista *Visão*, n.º 1359, publicada a 21/03/2019, e redigido pela repórter Rosa Ruela, com o intuito de descrever quais os mecanismos utilizados para divulgar dados científicos sobre os animais, principalmente, a pessoas não especialistas, através de uma reportagem.

A reportagem é um género textual plurissemiótico, que usa a interação do verbal (unidades linguísticas) e do não verbal (imagens, infografias, entre outras). Distingue-se de outros géneros da esfera jornalística, por apresentar um maior desenvolvimento dos factos jornalísticos, daí ter um grande número de páginas. No caso de “A Alma dos Bichos”, há uma grande articulação entre o não verbal e o linguístico, que visa a informação científica relativa à vida dos animais, em particular os pensamentos, os sentimentos e o conhecimento deles.

Para analisar a reportagem, recorrer-se-á a trabalhos de Audria Leal (2018a, 2018b) e de Rute Rosa (2018) e ao livro de estilo do Público, bem como aos ensinamentos obtidos no âmbito da unidade curricular de Linguística do Texto relativamente aos parâmetros de análise textual.

O trabalho está organizado em três partes: a primeira parte terá como foco o enquadramento teórico, no qual se explicitam os critérios utilizados na análise que têm como base estudos de outros investigadores; a segunda parte irá centrar-se na análise do texto, segundo os parâmetros estabelecidos, bem como numa grelha em que se esclarece, sucintamente, a informação analisada; por último, uma

Joana Oliveira

estuda atualmente Ciências da Linguagem, do 2.º ano, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, tendo como objetivo tirar um minor em Tradução.

terceira parte que assinala a distinção dos tipos discursivos (Bronckart, [1997]1999).

Enquadramento

Enquadrado na disciplina de Linguística do Texto, o objetivo deste trabalho consiste na observação de um texto à escolha, sustentada nos parâmetros lecionados na disciplina. Partindo de uma abordagem qualitativa e interpretativa, o estudo que a seguir se apresenta baseou-se em artigos desenvolvidos na área da Linguística do Texto (Coutinho, 2006; Gonçalves & Miranda, 2007; Coutinho & Miranda, 2009). Para apoiar o presente estudo, foi concebida uma grelha, apresentada mais à frente, a qual distingue o nível contextual e o nível textual a ter em conta na análise.

Os parâmetros que constituem o nível contextual referem-se ao nível extralinguístico:

- Produtor textual (quem produz o texto);
- Recetor;
- Intenção comunicativa (qual o objetivo comunicativo);
- Suporte (de que forma circula este texto).

Os parâmetros do nível textual dizem respeito ao nível intralinguístico:

- Conteúdo temático (qual o conteúdo de que o texto fala);
- Plano do texto (de que forma o texto foi estruturado);
- Mecanismos linguísticos (em que se destacam as atitudes enunciativas, referentes à ordem do expor e à ordem do narrar).

Esta análise não só se baseou nos artigos científicos de Audria Leal (2018a, 2018b), que teve como objeto de estudo saber identificar e explicar em que consiste uma reportagem, como também num artigo de Rute Rosa (2018), no qual a autora apresenta uma análise de textos

de divulgação científica, a partir da distinção ordem do expor/ordem do narrar, desenvolvida por Jean-Paul Bronckart ([1997]1999), no âmbito do quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo.

Análise do texto

Começarei por analisar a foto de capa da reportagem, de seguida passarei para a página principal da mesma, em que analisarei a interação do linguístico com o não verbal. Mais à frente, terei um quadro teórico-explicativo que apresentará cada parâmetro utilizado para a análise. Logo depois, também analisarei os mundos discursivos e os tipos discursivos.

Na primeira abordagem à capa de revista, é possível observar um cão, de raça Boiadeiro de Berna (em alemão: Berner Sennenhund), sentado com ar de “comportado”, e como os humanos identificam como aquilo que parece ser um sorriso, e também um gato sentado, à partida de raça Bobtail Americano, também com ar de “comportado”, com o focinho de lado. Ora, estas fotografias têm como objetivo chamar à atenção do leitor/amante de animais. Os editores da revista escolheram animais considerados “bonitos”, de modo a suscitar ternura e afeto. Também o título em letras garrafais – “O que pensam, sentem e sabem os animais” – visa despertar interesse no comprador/leitor por uma melhor compreensão dos animais em questão.



Imagem 1: capa da revista (com destaque para a reportagem)

Os subtítulos da capa, relativamente ao tema principal, também têm a sua importância, na medida em que constatarem factos citados na reportagem, também com o objetivo de influenciar o leitor.

Ao longo do processo de leitura, até à página inicial da reportagem correspondente, nota-se a apresentação de duas páginas inteiras para uma só fotografia de um cão, juntamente com o título da reportagem (“A Alma dos Bichos”) e outros subtítulos com letras garrafais, indicando também o nome da autora.



Imagem 2: primeira imagem da reportagem, pp. 30-31

Os subtítulos contêm uma pergunta que remete para uma questão já existente, “Os animais também sentem?”, em que os humanos sempre tentaram comparar os animais com eles próprios, devido aos comportamentos que pensam ser semelhantes. Por conseguinte, explica, de seguida, o motivo da pergunta feita. Por também ser uma questão dirigida ao leitor, resulta num maior impacto com o mesmo de modo a que ele responda. Neste caso, influencia-o a pensar se, de facto, os animais têm sentimentos tal como o ser humano.

Em cada página de imagem completa que a reportagem contém, haverá uma legenda em formato circular, que apresenta elementos que explicitam as peculiaridades daquele animal, retomando-o. No caso da imagem anterior, tem como legenda CÃO e um pequeno texto que explica o seu comportamento “Como comunica connosco há milhares de anos, aprendeu a ler as nossas emoções”.

É interessante notar que a autora foi usando variadíssimas imagens ao longo das páginas da reportagem, de modo a servirem

para uma abordagem mais detalhada dos argumentos expostos. Segundo Leal (2018: 341), “os significados das representações visuais participam como argumentos da reportagem.”



Imagem 3: reportagem, pp. 32-33

À medida que o texto da reportagem é redigido, emoldurando cada imagem apresentada na página, procura-se destacar os textos em pequenos blocos, fora do corpo principal, que funcionam como informação extra, talvez importante para o leitor. Como exemplos, tem-se informações sobre ‘O QUE DIZ A LEI’ que fala dos animais domésticos, uma vez que a 1 de maio de 2017 entrou em vigor novas leis sobre estes; ‘E AS PLANTAS, SENHORES?’ (na página 34 da revista) em que, sendo também seres vivos, apresentarão características semelhantes aos animais, algo que os leitores desconhecem; ‘TODOS DIFERENTES’ (na página 36) em que explica como funciona o córtex de cada ser vivo, comparando o ser humano com os primatas e os felinos; ‘ABELHAS SOFISTICADAS’ em que transmite informação específica sobre o trabalho destes seres tão importantes para o nosso ecossistema; por último, mas não menos importante, na página 40, um pequeno texto

sobre os morcegos, 'MORCEGOS DISTANTES', em que esclarecem como estes animais se comportam para a sua sobrevivência.

Para além desses focos, o produtor textual também utiliza pequenas frases do corpo do texto, juntamente com uma imagem para a sustentar, colocando-a nas páginas anteriores, construindo assim um referente que é retomado e desenvolvido no corpo do texto. Destaca estas frases a vermelho e com letras garrafais. É o que se segue na imagem a seguir, em que no canto inferior esquerdo, retoma o que disse sobre a galinha, destacando-se do resto da página.



Imagem 4: reportagem, p. 34

Grelha de análise

Em seguida, apresenta-se uma grelha de análise, concebida com base em Coutinho (2006), Gonçalves e Miranda (2007) e Coutinho e Miranda (2009), tendo como objetivo explicitar cada parâmetro analisado, ao longo da observação da reportagem.

Categorias de análise		Regularidades
Nível contextual	Produtor textual	Autora Rosa Ruela da revista, que faz uso de algumas citações de investigadores científicos e psicólogos
	Recetor	Qualquer leitor interessado na revista <i>Visão</i> ou mesmo amante de animais domésticos/selvagens
	Intenção comunicativa	Informar e influenciar o leitor acerca dos comportamentos dos animais e outros factos interessantes sobre os mesmos
	Suporte	Escrito para quem comprar a <i>Visão</i> em formato papel; digital para quem subscrever a revista online
Nível textual	Conteúdo temático	Comportamentos animais, de como os humanos tendem a "humanizá-los", comparando os seus comportamentos com os deles por serem idênticos
	Estrutura do texto	Capa de revista; 12 páginas, em que algumas delas são imagens inteiras que ocupam uma página; nessas páginas por vezes existem pequenos destaques sobre outros animais, não fazendo parte do corpo do texto
	Mecanismos linguísticos	Presença da ordem do expor por se tratar de uma reportagem com conteúdo científico e da ordem do narrar por relatar descobertas precedentes das investigações científicas

Figura 1: grelha de análise

Mundos discursivos | Tipos discursivos (Bronckart, [1997]1999): ordem do expor e ordem do narrar

Existe uma predominância da autonomia do repórter quer na ordem do narrar, que funciona para relatar o processo de investigação, quer na ordem do expor, que tem como função explicar alguns acontecimentos que outrora existiram, mas que até à data ainda estão marcados na sociedade.

Nala é uma rafeira de porte médio, com olhos pequenos e tendência para posar de língua de fora. Quando Emiliano Sala a adotou, há três anos, ela e o futebolista argentino tornaram-se logo inseparáveis, perceberam os fãs pelas constantes imagens dos dois nas redes sociais. Quase 15 dias depois de o monomotor em que o jogador seguia desaparecer dos radares, sobre o Canal da Mancha, ninguém estranhou, por isso, ver no Facebook da sua irmã uma fotografia da cadela, sentada à porta de casa, com a frase: “Nala também te espera...”

Quadro 1: *ordem do expor autónomo (a cinzento)*

A ocorrência da ordem do expor associa-se ao objetivo comunicativo, à divulgação de iniciativas, resultados e pesquisas científicas atuais, enquanto a ordem do narrar é usada para relatar os factos históricos e/ou investigações precedentes que complementam e contextualizam a informação atual.

Recorde-se aquilo que António Damásio tem escrito e dito sobre este tema tão central na sua obra. O neurologista já comparou a consciência com “uma grande peça sinfónica”, lembrando que a mente consciente tem diversos níveis de “si”: o “eu primordial”, o “eu nuclear”, o “eu autobiográfico”. E defende que compartilhamos com diversos animais um tipo de consciência muito simples, que pode ser distinguida com o termo “senciente”.

Quadro 2: *ordem do narrar autónomo (a verde)*, *ordem do expor autónomo (a cinzento)* e *expor implicado (a amarelo)*

Com efeito, Rosa Ruela faz perguntas de carácter científico, de modo a introduzir uma explicação das mesmas, em que apresenta citações/testemunhos de alguns especialistas. Na verdade, a autora

implica-se na reportagem de modo a integrar-se na maneira em que também se questiona sobre o mesmo tema.

Mas como resistir a encantarmo-nos, por exemplo, com o polvo, mais um animal extraordinário, capaz de desenroscar tampas de frascos que contêm comida e outras proezas dignas de um ser inteligente? “Um encontro com um polvo pode deixar-nos com a sensação de que encontrámos uma outra mente”, escreveu na revista *The Atlantic* a bióloga inglesa Olivia Judson.

Quadro 3: ordem do narrar autónomo (a verde), ordem do expor implicado do cientista citado (a azul) e expor implicado (a amarelo)

Considerações finais

Através deste trabalho, pode ser entendido que esta reportagem apresenta um estilo científico-informativo, uma vez que usa dados e investigações científicas para poder explicar como é que cada animal mencionado se comporta, pensa e sabe. A autora chega até a integrar-se nesta reportagem, o que leva o leitor a entender que também ela já se questionou sobre os factos citados. Fala-se de variadíssimas espécies, de modo a dar importância a todas elas, pois não se refere apenas os “gatinhos” e os “cãezinhos” “fofinhos”, uma vez que o ecossistema depende de todas as ações e comportamentos de todos os animais.

De um modo geral, a reportagem tem como característica um olhar subjetivo, quando o repórter opta por um foco na abordagem da descrição e observação dos factos. Torna-se diferente de uma notícia, na medida em que apresenta um tempo e um espaço diferentes. Apesar de apresentar um “lead noticioso” semelhante ao nível da construção de uma notícia, esta ainda apresenta “ambientes”, “emoções” (referem-se aos recursos não linguísticos que se tornam fundamentais na argumentação da reportagem) “o inesperado”, criando assim “um clima propício para mergulhar o leitor na viagem” (Público, 1998).

Referências Bibliográficas

Bronckart, J. P. ([1997] 1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo* (trad. A. R. Machado). São Paulo: EDUC.

Coutinho, A. (2006). O texto como objeto empírico: consequências e desafios para a linguística. *Vereda*, 10(1-2), 1-13. Disponível em <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo076.pdf>

Coutinho, A. & Miranda, F. (2009). To describe textual genres: problems and strategies. In Ch. Bazerman, D. Figueiredo & A. Bonini (Org.). *Genre in a Changing World*, (pp. 35-55). Colorado & Indiana: Parlor Press & WAC Clearinghouse. EDUC.]

Coutinho, M. A. & Miranda, F. (2009). To describe textual genres: problems and strategies. In C. Bazerman, A. Bonini & D. Figueiredo (Eds.) *Genre in a Changing World*, ed. 1 – 528 (pp. 35-55). Fort Collins, Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press.

Gonçalves, M. & Miranda, F. (2007) *Analyse textuelle, analyse de genres: quelles relations, quels instruments?*. In *Autour des langues et du langage: perspective pluridisciplinaire* (pp. 47-53.) Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Leal, A. (2018a). Multimodalidade e argumentação no gênero textual reportagem. In M. Gonçalves & N. Jorge (Orgs.), *Literacia científica na escola* (pp. 43-54). Disponível em https://issuu.com/matildegoncalves5/docs/literacia_cient_fica_na_esc_ola

Leal, A. (2018b). Representações semióticas no gênero reportagem em revistas portuguesas. *Linguagem em (Dis)curso*, 18(2), 341-357. Disponível em http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurs_o/article/view/6517/3872

Público. (1998). *Livro de Estilo*. Disponível em http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/12-regras-c.html

Rosa, R. (2018). A ordem do expor e a ordem do narrar nos textos de divulgação científica. In M. Gonçalves & N. Jorge (Orgs.), *Literacia científica na escola* (pp. 70-78). Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/65431>

Apresentação em *PowerPoint* realizada no âmbito da unidade curricular Linguística do Texto



Diapositivo 1



Diapositivo 2

Parâmetros a analisar...



- Contexto:
 - Extralinguístico
 - Tipo de discurso
 - Produtor textual
 - «Mais extraordinário foi a Universidade de Lund, na Dinamarca, capazes de planejar, o que é típico das crianças de 4 anos.» (pág. 34)
 - Recetor
 - Intenção comunicativa
 - Suporte

MORCEGOS DISTANTES

Em relação a muitos animais, estamos limitados por aquilo que somos capazes de ver: presos na nossa condição humana.

Perceberam o mundo através do som? A ecolocalização, detetando as reverberações dos seus guinchos nos objetos.

Os seus olhares relacionam os objetos que impulsionam que libertam com os ecos, determinando assim distâncias, formas, movimento e textura com grande precisão.

Dado que o som é o que os morcegos usam para navegar, os seus olhos são muito pequenos e não são capazes de perceber a luz. Mas o seu cérebro é capaz de perceber a luz.


ay e Mathias Osvath, da Universidade de Lund, em 2017: os corvos são animais com capacidades cognitivas maiores do que as de um chimpanzé.



Diapositivo 3

Parâmetros a analisar...


- Cotexto
 - Intralinguístico
 - Conteúdo temático
 - Plano do texto (estrutura)
 - Mecanismos linguísticos
 - Expor implicado - «Para lá do que observamos humanizando-os, fomos ver o que dizem os últimos estudos sobre a cognição dos bichos. E há muitos com uma vida interior bem mais rica do que pensávamos.»
 - Narrar autónomo - «A equipa, liderada pela psicóloga Katherine McAuliffe, também observou que os mesmos macacos se davam conta da injustiça em relação à quantidade de esforço despendida para obterem uma recompensa – se viam outro indivíduo a recebê-la sem realizar qualquer tarefa, deixavam de participar.»
 - Coesão - «O repórter Ross Andersen conta como há um ano foi até à Índia visitar um dos hospitais que os jainas têm em Nova Deli, um edifício de três andares junto a um bazar com aspeto medieval, onde se tratam aves.» (pág. 34)



Diapositivo 4



Diapositivo 5



CONCLUSÃO

- Uma reportagem é diferente de uma notícia, na medida em que apresenta um tempo e um espaço diferentes. Apesar de apresentar um «lead noticioso» semelhante ao nível da construção do texto, esta ainda apresenta «ambientes», «emoções», «o inesperado», criando assim «um clima propício para mergulhar o leitor na viagem».

Diapositivo 6